

Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Volume 41(2):97-131, 2010

www.mz.usp.br/publicacoes

www.revistasusp.sibi.usp.br

ISSN impresso: 0066-7870

ISSN on-line: 2176-7793

AS AVES DO PARÁ SEGUNDO AS “MEMÓRIAS” DE DOM LOURENÇO ÁLVARES ROXO DE POTFLIS (1752)

DANTE MARTINS TEIXEIRA¹

NELSON PAPAVERO²

LORELAI BRILHANTE KURY³

ABSTRACT

Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis (1699-1756), cantor of the Belém Cathedral, in the ancient Estado do Grão-Pará e Maranhão, is the author of a manuscript on the birds of Pará, sent to the French naturalist Charles Marie de La Condamine in 1752. Deposited in the library of the Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris (MS 2251), this document includes the description of 16 birds of prey, a list of 82 popular names and 65 coloured plates depicting Amazonian birds. As far as known, this is the only part effectively written by Potflis of an ambitious work about the three natural kingdoms of Amazonia, entitled “Memórias zoológicas, fitológicas e mineralógicas ou descrições físico-históricas das mais notáveis produções animais, vegetais e minerais do Estado do Grão-Pará”. Although he died four years after writing that first part, leaving uncompleted a second one treating other birds, Dom Lourenço appears as one of the first Luso-Brazilians interested in the natural history of Brazil, preceding Alexandre Rodrigues Ferreira by almost half a century and also the texts and iconographies of the Italian Antonio Giuseppe Landi and the Portuguese Francisco Antônio Sampaio.

KEYWORDS: Dom Lourenço Alvarez Roxo de Potflis; Pará; Birds; Naturalists; 18th Century; Muséum National d'Histoire Naturelle; Paris; Manuscript 2251.

INTRODUÇÃO

“Durante minha estada no Pará” em 1743, escreveu Charles Marie de La Condamine, “estabeleci fortes laços com um eclesiástico, homem de letras e filho de um francês estabelecido nessa cidade. Este

era Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis, chantre maior da igreja catedral e vigário maior do coro. Ele tinha muito gosto pela História Natural e pela Mecânica. Muitos espécimens curiosos que ele me deu – e outros que depois me enviou – fazem parte daqueles depositados no gabinete do Jardim do Rei. Nos dias

1. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quinta da Boa Vista, s/nº, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Pós-Doutorando do Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
2. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Caixa Postal 42.494, 04218-970, São Paulo, SP, Brasil. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
3. Departamento de Pesquisa, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 21045-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

de hoje, ele é correspondente da Academia”¹. Com efeito, La Condamine tornaria Dom Lourenço sócio correspondente da “Académie des Sciences” de Paris em 8 de janeiro de 1748 (Rozier, 1775).

Anos mais tarde, um autor anônimo declararia que “o Pará é a sede de uma diocese. Até a viagem do Senhor de La Condamine em 1743, o cacau ali desempenhava o papel de moeda. O elogio que ele faz do Governador e de Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis, chantre maior da Igreja Catedral e hoje correspondente da Academia de Ciências, bem prova que os portugueses cultivam no Brasil as Artes e as Ciências, que eles são tão sociáveis, instruídos e capazes quanto qualquer outra nação européia, de conduzir uma boa administração nesta colônia florescente e de ali desenvolver o comércio de forma prodigiosa”².

Nascido em Belém no ano de 1699, Lourenço Álvares Roxo de Potflis era filho de Franz – aporuguesado para Francisco – Potflis (por vezes grafado como Potflits, Potflitz, Potfliz, Potfliez, Potflix), emigrante natural de Mulhouse, Alsácia³, que chegou ao Pará no ano de 1692. Além de exercer o papel de garimpeiro, médico⁴ e comerciante, parece ter comandado várias expedições bem sucedidas pelo Tocantins⁵ e Amazonas

em busca de metais preciosos (Jaeckel, 2008; Oberacker, 1978)⁶. Como agricultor, sabe-se que Francisco Potflis recebeu sesmaria na “Ilha de Marymary”, da qual abriu mão por não ser local apropriado para o cultivo da cana-de-açúcar⁷. Em requerimento ao rei Dom João V, datado de 18 de novembro de 1722, Potflis informa ter comprado de Clemente Soeiro Palheta, no ano anterior, o sítio de Carnapijó com terras e engenhoca, tendo levantado um engenho de açúcar para o qual pedira, em 1721, “o direito de resgatar apenas cem casais da nação Tapuia” como escravos⁸. Além disso, Francisco de Potflis também solicitava como sesmaria toda a Ilha das Onças⁹, cujo terreno alagadiço seria inabitável e próprio somente para o cultivo da cana. A ilha ficava fronteira ao engenho e sua pretensão justificava-se pelas terras do Carnapijó não bastarem para abrigar as futuras plantações¹⁰.

Francisco teve também outro filho, José Álvares Roxo de Potflitz, mencionado por Frei João de São Joseph Queiroz, bispo do Grão-Pará, como um “honrado homem do Pará, filho de um francez e irmão do erudito chantre de quem faz honrosa memoria mr. de Condamine”¹¹. Seu terceiro filho foi Antônio

1 “Pendant mon séjour au Pará, j’avois été fort lié avec un Ecclésiastique, homme de lettres, fils d’un François établi en cette ville: c’étoit Dom Lourenço Alvares Roxo de Potflis, grand Chantre de l’église cathédrale, & grand Vicair de l’Evêqué. Il avoit beaucoup de goût pour l’histoire naturelle & pour la mécanique; plusieurs morceaux curieux, qu’il me donna, & d’autres qu’il m’a depuis envoyés, font partie de ceux que j’ai remis au cabinet du Jardin du Roi. Il est aujourd’hui Correspondant de l’Académie” no original. Vide La Condamine (1751) e Prevost (1773).

2 “Le Para est le siège d’un Evêché. Jusqu’au Voyage de M. da La Condamine em 1743, le Cacau y tenoit lieu de Monnoie. L’éloge qu’il fait du Gouverneur & de Dom Laureço Alvaras Roxo de Potflis, grand Chantre de l’Eglise Cathédrale, aujourd’hui Correspondant de l’Académie des Sciences, prouve bien que les Portugais cultivent dans le Brésil les Sciences & les Arts, qu’ils sont aussi sociables, aussi instruits & aussi capables qu’aucune autre Nation Européenne de conduire una bonne administration dans cette Colonie florissante & d’y étendre prodigieusement le commerce” no original (Anônimo, 1760). Essa mesma passagem seria transcrita seis anos depois em uma segunda contribuição sem autor conhecido (Anônimo, 1766).

3 Em 1648, por força do tratado de Vestfália, a Alsácia passaria para o Reino da França, mudança que envolveu cidades como Mülhausen – Mulhouse dos franceses.

4 Em 1698, o Padre Bettendorf atestaria que “por este tempo, pouco, mais ou menos, esteve o Padre João da Silva doente nos Abacaxizes, e o governador convalescido de suas maleitas que lá lhe tinham dado, o levou consigo para o rio da Madeira, para ter cuidado delle e tratar de sua melhoria, pois levava em seu seguimento a Francisco Potfliz, amigo de todos, e que tinha noticia das doenças e remedio dellas” (Bettendorf, 1910).

5 “Em 1725, um tal Francisco de Potflis, promettendo descobrir jazidas auríferas no Tocantins, pedia se lhe concedessem uma escolta de cem indios, doze soldados e dezoito moradores, com

dois capellães por elle nomeados, e não missionarios, para evitar as perniciosas praticas destes aos selvagens” (Azevedo, 1901).

6 Datado de 12 de fevereiro de 1727, o “Requerimento de Francisco de Potflis para o rei [Dom João V], solicitando autorização para poder fazer o descobrimento de mina de ouro e o envio de índios e soldados” encontra-se depositado no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (AHU-ACL-CU-013, Cx. 10, D. 886). As siglas utilizadas em todas as citações de documentos originais significam: AHU – Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa; ACL – Administração Central de Lisboa; CU – Conselho Ultramarino; 013 – cota referente ao Estado do Pará; Cx. – Caixa; D – número do documento.

7 Trata-se da Ilha Castanhal de Mari-Mari pertencente ao Arquipélago de Mosqueiro, Pará (2°75’S, 65°25’W). Vide Cunha (2009).

8 Vide a “Carta do [Governador e Capitão-General do Estado do Maranhão] Bernardo Pereira de Berredo [e Castro] para o rei [Dom João V], em resposta à provisão de 18 de março de 1721, sobre o pedido de Francisco de Potflis”, documento do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, datado de 10 de agosto de 1721 (AHU-ACL-CU-013, Cx. 7, D. 593).

9 Trata-se da Ilha das Onças, localizada poucos quilômetros ao largo de Belém (2°65’S, 65°38’W).

10 Datado de 18 de novembro de 1722, o “Requerimento de Francisco de Potflis, para o rei [Dom João V], solicitando confirmação de carta de data e sesmaria localizada na ilha das Onças” encontra-se depositado no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa (AHU-ACL-CU-013, Cx. 7, D. 625).

11 “Por este rio [Capim] até á nova colonia tivemos o praser de observar lindissimas flores e tambem fructas silvestres, peixes deliciosos, barreiras de que se tira excellente tinta amarella, e uma qualidade de gesso a que chamam tavatinga alvissimo e melhor do que a cal. Dormimos uma noite em casa de José Alvares Roxo de Potfliz honrado homem do Pará, filho de um francez, e irmão do erudito chantre, de quem faz honrosa

Francisco Potflis, músico paraense nascido em 10 de agosto de 1729 e morto em 6 de fevereiro de 1777. Em um documento do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, consta ainda referência a um certo Frei Manuel Álvares Roxo, “Comissário-geral da Congregação de Nossa Senhora das Mercês”, que talvez guarde algum parentesco com os personagens anteriores¹².

Muito pouco se conhece sobre a vida de Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis, exceto que chegou a vigário-geral e chantre da igreja de Nossa Senhora das Graças, futura catedral de Belém. Em 1735, junto com seu irmão Antônio, criou uma “*Schola Cantorum*” – o coro da igreja – que concederia alguma educação formal à elite branca da cidade e a centenas de índios convertidos (Amato, 2006; Lins, 2007; Páscoa, 2008; Salles, 1980), dando continuidade à obra do jesuíta italiano João Maria Gorzoni, um dos incentivadores dessa forma de expressão artística, falecido em Belém no ano de 1711¹³. Além de familiar do Santo Ofício e Protonotário Apostólico, Dom Lourenço também ocuparia os postos de Provedor de Defuntos e Ausentes e de Provedor da Fazenda Real (Amaral *et al.*, 2008; Rozier, 1775)¹⁴. Em 1745, exercia as funções próprias de um religioso (Baena, 1878)¹⁵, havendo

também breves notícias de ter participado – como representante do bispo – em julgamentos levados a cabo no palácio e residência do Governador e Capitão-General Francisco Xavier de Mendonça Furtado, durante o ano de 1753 (Sylva, 1768).

Dos poucos escritos conhecidos de Dom Lourenço, a maioria não apresenta qualquer interesse para a História Natural¹⁶. O “Muséum National d’Histoire Naturelle” de Paris, entretanto, abriga um original do autor sob o pomposo título de “Memórias Zoológicas, Fitológicas e Mineralógicas ou Descrições Físico-históricas das mais notáveis produções Animais, Vegetais e Minerais do Estado do Grão-Pará”. Correspondendo ao número de tombo 2251, esse manuscrito abarca 90 fólios passíveis de serem divididos em quatro seções distintas, a saber: uma breve introdução, o texto descritivo propriamente dito, um sucinto “catálogo de pássaros” e 65 pranchas coloridas.

Ao que parece, este seria o início de um projeto ambicioso voltado para a descrição dos três reinos da natureza e dos costumes dos habitantes do Grão-Pará e Maranhão. Caso siga o exemplo da “Zoologia Paraense” planejada por Alexandre Rodrigues Ferreira décadas mais tarde (Teixeira, 1992a), as “Memórias” de Dom Lourenço jamais foram concluídas e delas não existe qualquer outra notícia até o momento. Este manuscrito, portanto, parece constituir a única parte da obra trazida à luz pelo religioso antes de sua morte, ocorrida em 1756.

Travamos conhecimento com o trabalho de Dom Lourenço graças a cópia xerográfica em preto-e-branco obtida no “Muséum National d’Histoire Naturelle” pela co-autora do presente ensaio. Não foi possível, infelizmente, obter uma reprodução das pranchas coloridas e sequer conseguir a autorização necessária para reproduzir o material em nosso poder,

memoria mr. de Condamine” (*in* Castello-Branco, 1868). Conforme estabelece Vianna (1904), a sesmaria de José Álvares Roxo no rio Capim foi-lhe concedida a 29 de agosto de 1738 (Arquivo Público do Pará, livro 9, página 82 com duplicata no livro 10, folha 23v) e confirmada em 10 de setembro de 1740 (Arquivo Público do Pará, livro 11, página 17).

12 Vide o “Ofício do comissário-geral da Congregação de Nossa Senhora das Mercês, fr. Manuel Alvares Roxo”, documento do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, datado de 10 de novembro de 1744 (AHU-ACL-CU-013, Cx. 27, D. 2546).

13 De acordo com Salles (1969) “Os primeiros grandes músicos da Catedral foram os irmãos Lourenço e Antônio Álvares Roxo de Potfliz, ambos nascidos em Belém e filhos de um comerciante e médico francês ali estabelecido. Lourenço, nascido em 1699 ou 1700, além de chantre da Catedral, nomeado em 1734, também foi organista. Em 1735 criou uma ‘escola de música’ que recrutava meninos dotados de aptidões musicais para colaborarem no coro da Catedral. Essa escola parece ter existido ainda vários anos depois de sua morte (ocorrida a 09 de abril de 1756), talvez dirigida por seu irmão Antônio Francisco, que também o sucedeu nos cargos de chantre e de organista”.

14 Vide igualmente o “Requerimento do procurador e irmãos da Santa Casa de Misericórdia da cidade de Belém do Pará para o rei [Dom João V]” e a “Carta do ouvidor-geral da capitania do Pará, Salvador de Sousa Rebelo, para o rei Dom João V, em resposta à provisão de 26 de fevereiro de 1737”, documentos do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, datados de 18 de fevereiro de 1737 (AHU-ACL-CU-013, Cx. 19, D. 1817) e de 07 de novembro de 1737 (AHU-ACL-CU-013, Cx. 20, D. 1914).

15 Ao tecer comentários sobre a construção da capela da Ordem Terceira de São Francisco, Baena (1878) relata que “o Chantre e provisor do Bispado, Lourenço Alves Roxo, benze o terreno e a pedra, que é levada ao lugar pelo mesmo provisor do bispado,

guardião dos capuchos, Frei João de Jesus, commendador de Nossa Senhora das Mercês, Frei Pedro Mendes Tomaz e o irmão ministro, Capitão-Mor João d’Almeida da Matta, dando-se à capela a invocação de N. S. da Conceição, padroeira universal da Ordem 3ª de São Francisco”. Segundo adianta Meira Filho (1976a), “solenemente, a 22 de outubro [de 1745], proceder-se-ia a fixação da primeira pedra da capela da Ordem Terceira de São Francisco, assistida pelos religiosos das Mercês, do Carmo e da Companhia de Jesus. Presentes, também, ao ato histórico, os frades de Santo Antônio, os ministros da Sé, povo e autoridades”.

16 O Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, guarda cinco cartas de Dom Lourenço dirigidas a Dom João V, Rei de Portugal. Tratam-se, sem exceção, de documentos referentes a assuntos eclesiásticos datados de 1730, 1731 e 1733 (AHU-ACL-CU-013, Cx. 12, D. 1084; AHU-ACL-CU-013, Cx. 12, D. 1139; AHU-ACL-CU-013, Cx. 13, D. 1199; AHU-ACL-CU-013, Cx. 13, D. 1200 e AHU-ACL-CU-013, Cx. 15, D. 1438).

circunstância que dificultou sobremaneira a identificação das espécies retratadas e empobreceu a análise efetuada. Contudo, mesmo a simples transcrição desse documento mostra-se relevante tanto pelo seu ineditismo – poucos são os originais referentes à Zoologia brasileira no século XVIII conhecidos até o momento – quanto por aspectos lexicográficos¹⁷, além de prestar valioso testemunho sobre as estreitas relações mantidas por La Condamine com alguns interessados nas Ciências Naturais então residentes na Amazônia.

A PARTE INICIAL DO MANUSCRITO

Abarcando quatro fôlios não numerados, a primeira parte do manuscrito tem início com uma versão francesa da página de rosto escrita por Dom Lourenço, texto ao qual se acrescentariam alguns poucos detalhes sobre a autoria, datas etc., conforme pode se observar na transcrição abaixo.

“Memórias zoológicas, fitológicas e mineralógicas ou descrições físico-históricas das mais notáveis produções dos animais, vegetais e minerais da província do Grão-Pará, acompanhadas de sua representação ao natural, de uma curta indicação de seus nomes, dos lugares onde elas se encontram e de suas virtudes específicas e excelentes propriedades comprovadas pela experiência, postas em ordem para servir à História Natural desta província. Em três partes¹⁸. Recebidas em 23 de dezembro de 1752 da parte de Lourenço Alvares Roxo de Potflis, grande chantre da Catedral do Pará no Brasil, correspondente da Academia de Ciências, endereçadas ao Sr. de La Condamine. 1752”¹⁹.

As três folhas seguintes consistem de uma carta de Dom Lourenço dirigida a La Condamine. Datada de 1º de fevereiro de 1752, essa missiva teria chegado às mãos do destinatário em 26 de maio desse mesmo ano, segundo estabelece uma pequena anotação em francês – provavelmente da autoria de La Condamine – encontrada próxima ao cabeçalho (vide também Anexo 1).

“Recebida em 26 de maio de 1752²⁰

Sr. Dom Carlos Maria de La Condamine

Logo que recebi a mui estimada [carta] de V. S.a de 9 de maio do ano passado falei ao Il.mo Sr. General, que é agora Francisco Xavier de Mendonça Furtado²¹, sobre o dinheiro de V. S.a que ainda está depositado na mão de Antonio Rodrigues Martins²², e me disse que V. S.a recorra à Corte – por cuja ordem está depositado – e que logo vindo ordem, o manda entregar. O secretário na corte dos negócios estrangeiros e ultramar, o Sr. Sebastião José de Carvalho²³, é irmão do Sr. General. Ele fala bem francês e lhe deve muita urbanidade. O que acabou, que é o Sr. Francisco Pedro Gorjão²⁴, vai embarcado nesta frota e vai em sua companhia o nosso amigo José Gonsalves²⁵ – e me diz que há de escrever a V. S.a de Lisboa, insinuando à V. S.a alguns erros sobre o Tajipurú e sobre o Rio da

Naturel, une courte Indication de leurs noms, de leurs Espèces, et des lieux ou Elles se trouvent et de leurs vertus Spécifiques et Excellentes propriétés reconnues par l'Experience mises en ordre Pour servir à l'histoire naturelle de cette Province. En trois parties. Reçus le 23 decembre 1752, de la part de Dom Laurent Alvarez Roxo de Potfliez, Grand chantre de l'Eglise Cathédrale du Pará au Bresil; Correspondant de l'academie des Sciences, adressés a M. de La Condamine. 1752” no original.

17 Desprezadas as variações de grafia, 27 dos 175 nomes populares de aves amazônicas registradas por Dom Lourenço não constam em nenhuma outra fonte examinada até o momento. Nove desses últimos pertencem à parte descritiva propriamente dita (“guariba ouàra” – ou “ouariua ouàra”, – “ouyrà ouassù meri”, “ouyrà ouassù peua”, “ouyrà ouassù panèma”, “ouyrà ouassù piranga”, “ouyrà ouassù pirauàra”, “caràcaràhi pixuna”, “caràcaràhi murutinga” e “caburèhi” – ou “kauourèhý”) e dez ao “Catalogo” (“chicomina”, “chihèchihè”, “matecàouara”, “mucayàrassoca”, “murutirassoca”, “uariuoca” – ou “uarihoca”, “yurupariacanga”, “anhanubàn”, “yurupariacanuèra” e “yauaretètimbaua”), enquanto os oito restantes aparecem nas pranchas (“guanambèpixuna”, “urubùtimpiranga”, “mayauý”, “garauàto”, “periquito tuuayàpocù”, “parauàssù”, “parauàssùtè” e “parauàpixuna”).

18 Referência aos três reinos da natureza do Grão-Pará que deveriam ser contemplados pela proposta original de Dom Lourenço.

19 “Memoires Zoo-logiques, Phyto-logiques, et mineralogiques ou descriptions physico-historiques des productions les plus remarquables des animaux Végétaux et mineraux de la Province du grand Pará, dans lesquelles On a joint a leur representation au

20 “Reçuë le 26 Mai 1752” em francês no original.

21 Irmão do Marquês de Pombal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado (1700-1779) tornar-se-ia Governador e Capitão-General do Estado do Maranhão, Grão-Pará e Rio Negro entre 24 de setembro de 1751 e 02 de outubro de 1754, reassumindo novamente o posto em 22 de dezembro de 1756 até 15 de janeiro de 1758.

22 Almojarifê da Fazenda Real da Capitania do Pará.

23 Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), Conde de Oeiras e posteriormente Marquês de Pombal, Secretário de Estado do Reino de Dom José I entre 1750 e 1777.

24 Francisco Pedro de Mendonça Gurjão (1686-1767). Capitão-Mor da Capitania da Paraíba (1729-1732), Governador e Capitão-General da Madeira (1737-1747) e Governador e Capitão-General do Estado do Maranhão, Grão-Pará e Rio Negro entre 14 de agosto de 1747 e 24 de setembro de 1751. Foi sucedido por Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

25 José Gonçalves da Fonseca, secretário de Governo do Grão-Pará. Autor de uma “Notícia da situação de Mato Grosso e Cuyabá” (vide Fonseca, 1866), também desenharia, em 1747, um interessante mapa do Rio Madeira (Ferreira, 2007).

Prata²⁶. Ele chegou o ano passado do Mato Grosso e fez mapas curiosos e correu todos esses limites.

A Mr. Pilaer²⁷ remeto uma condessinha²⁸ com o conteúdo no catálogo e também o princípio da História Natural dos Pássaros, de que tenho feito descrições e são 64²⁹ cujos retratos mando com o princípio dos discursos e o título de toda a obra. Por não ter amanuense pronto não se poderá trasladar os discursos, que mandarei na primeira monção. V. S.a guarde os retratos para os ir colocando nas suas partes e classes. Para que não haja demora, irei remetendo em todas as ocasiões que escrever e observar, assim [como] o que pertence à parte zoológica – como à fitológica e mineralógica – e também o que pertencer aos costumes das nações.

Remeto a carta inclusa do Reverendo Padre Magnin³⁰. De Caiena não tenho notícias, nem espero já ver de lá a lanterna mágica³¹, que até para se ver parece encantada. Fico entregue da explicação do Palácio Mágico mas não do Palácio, que ainda não chegou³². Mas sempre rendo a V. S.a graças pelas obras do Abade Nollet³³, que muito desejo ver. Estimara também

ver algumas sobre as coisas naturais destas partes do Brasil, como George Marcgravio³⁴ e outros para conferir suas observações com as minhas. Também agradeço pelo espelho cilíndrico³⁵ que V. S.a me promete pois, como sou melancólico³⁶, desejo coisas que me divirtam e V. S.a bem conhece o forte da minha inclinação. Os dois caixotes de variedades que ficaram ano passado se corromperam com a umidade do clima. Duas vezes tenho preparado o peixe-boi³⁷, mas tiveram a infelicidade de perder o primeiro na Ponta do Maguari [e] o segundo roeram os ratos. Por mais que lhes queira pagar o frete, agora não querem receber este [peixe-boi] nos navios porque, por [ser] fresco, lança muito fedor.

Dentro da condessa vai uma libra de puxiri³⁸, um frasquinho de óleo de umiri³⁹ e cunauaru-icica⁴⁰,

- 26 Provavel alusão ao Rio Tajapuru ou Furo do Tajapuru, situado nos arredores do Estreito de Breves, Pará (1°50'S, 50°25'W).
- 27 Talvez uma referência a Gaspard Bertrand Pilaer, a quem o poeta português Francisco Manuel do Nascimento, sob o cognome de Filinto Elysio, dedicaria uma ode (Filinto Elysio, 1806). Casou-se com uma certa Mademoiselle du Plessis, merecendo outra composição do mesmo poeta (Filinto Elysio & Torres, ca. 1800).
- 28 Pequena cesta de verga provida de tampa.
- 29 O manuscrito de Dom Lourenço na verdade abriga 65 pranchas.
- 30 Ao passar por Borja – um dos principais centros das missões jesuíticas – em julho de 1743, La Condamine receberia numerosas atenções de um certo Padre Magnin, missionário natural de Fribourg que lhe presentearia “numerosas curiosidades de História Natural” e um mapa da “Missão dos Maynas e seus arredores” enriquecida por uma “descrição dos hábitos e costumes das nações vizinhas” (La Condamine, 1745).
- 31 A antecessora do projetor de diapositivos. Sobre uma parede branca ou tela estendida em lugar escuro, fazia aparecer a ampliação de figuras pintadas – em menor escala e com tintas bem transparentes – em delgados pedaços de vidro.
- 32 Muito populares durante o século XVIII, os chamados “palácios mágicos” eram artefatos mecânicos que utilizavam a eletricidade, o magnetismo e a ótica para produzir os mais variados efeitos. Uma das versões atuais mais conhecidas resume-se em uma maquete na qual pequenos bonecos se movimentam movidos por imãs (vide During, 2002; Isherwood, 1981).
- 33 Jean-Antoine Nollet (1700-1770), clérigo e físico francês, mais conhecido como Abbé Nollet. Mostrou particular interesse pela eletricidade, que estudou com a ajuda de Du Fay e Réaumur. Tornou-se membro da Royal Society of London em 1734 e foi posteriormente professor de física experimental na Universidade de Paris. Deu o nome de “garrafa de Leyden” à invenção de Pieter van Musschenbroek, tendo descoberto

o fenômeno da osmose em membranas naturais em 1748. Entre suas obras mais conhecidas estão o “Programme ou Idée Générale d’un Cours de Physique Expérimentale”, as “Leçons de Physique Expérimentale”, as “Recherches sur les causes particulieres des phénomènes électriques” e “L’art des expériences” (Nollet, 1738, 1745-1775, 1749, 1770).

- 34 Na verdade, Dom Lourenço pretendia referir-se à “*Historia Naturalis Brasiliae*”, que inclui a “*Medicina Brasiliensis*” de Piso e a “*Historia rerum naturalium Brasiliae*” de Marcgrave, membros da comitiva de Maurício de Nassau. Impresso em 1648, seria o único livro dedicado à natureza e aos habitantes de Brasil por quase um século (vide Marcgrave, 1648; Piso, 1648).
- 35 Trata-se de um cilindro espelhado com o qual é possível produzir curiosos experimentos óticos, pois as imagens obtidas não sofrem a mesma ampliação transversal e longitudinal. O efeito mais conhecido seria o de “emagrecer” e “engordar” objetos conforme posto na vertical ou horizontal.
- 36 Referência aos quatro temperamentos humanos (colérico, sanguíneo, fleugmático e melancólico) reconhecidos por Hipócrates. Entre outras características, os “melancólicos” seriam indivíduos introspectivos, tristonhos e ansiosos.
- 37 Referência passível de ser atribuída tanto a *Trichechus inunguis* (Natterer, 1833) quanto a *Trichechus manatus* Linnaeus, 1758.
- 38 Trata-se de *Licaria puchurymajor*, Lauraceae vulgarmente conhecida como puxiri, puxuri ou pixurim, cujos frutos secos ao fogo eram utilizados contra disenteria, diarreia, cardialgias, cólicas espasmódicas, estrangúria, incontinência urinária e outras desordens (Lindley, 1838; F.X.R. Sampaio, 1825). Já em 1689, entre os diversos produtos enviados pelo Governador Artur de Sá e Menezes para Portugal constavam quatro arrobas e vinte e cinco arratéis (ca. 88 quilos) de uma “nova especiaria” chamada puxiri (Chambouleyron, 2005).
- 39 “Omirim” no original, referência a *Humiria balsamifera* (Humiriaceae), de cujo tronco se extrai uma fragrante e límpida seiva amarelada conhecida como “bálsamo de umiri”, essência detentora das mesmas qualidades do bálsamo de copaiba (Lindley, 1838).
- 40 “Cunauarúicica” no original. Trata-se da resina do “cunauaru”, *Trachycephalus resinifactor* (Hylidae), anfíbio amazônico descrito por Goeldi em 1907. Segundo parece, Dom Lourenço teria sido o primeiro a mencionar esse produto, seguido pelo Padre João Daniel (1758-1776) e por Frei Prazeres (1819-1820), os quais acreditavam que essa rã lançava “pela boca uma resina semelhante ao breu, muito estimada e preciosa pelas excelentes

que é uma certa resina que faz certo gênero de rá ou de sapo nos ramos das árvores, esfregando-se até formar a modo de uma frigideira – depois se passa para outra banda – ou parte – e a deixa. Estimam[-na] os tapuias como ambar, serve para dores de dentes, para febres e outras enfermidades. Também vai uma casca doce que tem singulares virtudes para muitas enfermidades e por isso lhe chamam o “para-tudo”⁴¹. Guaraná⁴² para supressões de urina, disenteria e outras [enfermidades]

virtudes que tem na medicina, especialmente para as dores de cabeça e ... dores de dentes, [sendo] também contraveneno” (Daniel, 1976a, 1976b; Maranhão, 1891). No último quartel do século XIX, João Barbosa Rodrigues (*in* Luccock, 1881) tornar-se-ia o primeiro a fornecer maiores detalhes sobre a biologia desse anfíbio, produzindo passagem memorável digna de ser transcrita: “um pequeno batrácio, o cunauaru do Amazonas aproveita também a resina desse *Protium* e forma com ella a famosa resina cunauara ou cunauaruica. Crença é em todo o Amazonas que esta resina, que se encontra no ôco dos páos podres, nos igapós, é a aglomeração de um glúten que sahe do corpo do sapo quando elle fabrica a casa em que habita; mas não ha tal. A resina do ‘Cunauarú’ não é mais do que o breu branco, que esse batrácio carrega emquanto está novo, e superpondo camadas que alisa e afunda com o peito, deixando sempre no centro um orifício, fabrica uma especie de panella sobre a qual se aninha no tempo de desovar. Como no igapó os fios dos ovos serião levados pela corrente no tempo da vasante, ou seriam comidos pelos peixes, depositam seus ovos na panella, que fica cheia d’agua com os bordos de fora, e quando as cocomas [*i.e.* os girinos] sahem, descem pelo orifício do fundo. Este ninho tem ás vezes 0m,3 de altura e conserva geralmente o diâmetro de 0m,14, tendo o orifício que atravessa todas as camadas 0m,02 de diametro. Geralmente encontram-se esses ninhos abandonados, quebrados e já velhos. Quando novos, distinguem-se as camadas do breu, onde apparecem vegetaes adherentes, porém depois de velhos tomão uma côr pardo-escura. Pelo calor proprio do animal o breu amollece e mistura-se com o glúten ou liquido que lança de seus póros, chegando mesmo a formar camadas extremamente finas entre as do breu. Vi no rio Jatapu, confluyente do Uatumã, provincia do Amazonas, dous destes ninhos, um principiado e outro com ovos, não podendo comtudo vêr o animal. A resina tem um cheiro semelhante ao do breu branco, porém mais especial, devido talvez ao glúten ou liquido com que foi misturado. É soluvel no alcool como o breu, e insoluel na terebinthina e pouco no ether. Queimada em fumigações, é empregada contra dôres de cabeça. Dizem que o batrácio que fórma estes ninhos é pardo-escuro e pequeno. É conhecido pelos seu coaxar, que parece pronunciar a palavra ‘cunam’. São difficeis de encontrar-se, não só pelo seu tamanho, como pela côr que se confunde com a das folhas seccas que estão sobre o solo, pelo que os índios têm como prenuncio de felicidade o encontro de algum”. Curiosamente esse notável trabalho passaria despercebido por Goeldi, que descreveria a espécie poucos anos mais tarde (Goeldi, 1907). Vide também Schiesari *et al.* (2003).

41 Provável alusão às espécies do gênero *Simaba* (Simaroubaceae), também conhecida como “cajarana”, “casca-de-santa” e “casca-paratudo”, usada como tonificante e no combate de bronquites e dispepsias.

42 Referência a *Paulinia cupana* (Sapindaceae), espécie que dispensa maiores comentários.

que V. S.a achará e já sabe as propriedades, por isso não as repito. Na primeira monção serei mais extenso porque – como estão partindo os navios que, me persuadia, haviam [de] partir em março – me é preciso abreviar a escrita e oferecer somente o meu pouco préstimo a obediência de V. S.a com a mayor prontidão. Deus à V. S.a guarde [por] muitos anos. Grão-Pará, 1º de fevereiro de 1752.

Vai o catálogo dos pássaros que faltam para descrever, além de muitos que vou de novo descobrindo.

De V. Sa o mais obrigado servo e venerador / Lourenço Alvares Roxo de Potflis”

O TEXTO DESCRITIVO

Da autoria de Dom Lourenço, a página de rosto original tampouco se encontra numerada e contém o título da obra em português, cujo texto básico pouco difere da versão francesa mencionada anteriormente:

“Memórias zoológicas, fitológicas e mineralógicas ou descrições fisico-históricas das mais notáveis produções animais, vegetais e minerais do Estado do Grão-Pará. Em que se representam as suas figuras illuminadas, dá-se breve notícia de seus nomes próprios, espécies e dos lugares onde se acham e experimentalmente se manifestam as suas específicas virtudes e excellentes propriedades. Ordenadas para preliminar introdução da História Natural do Estado. Divididas em três partes”⁴³.

Distribuído ao longo de 18 páginas numeradas que ocupam frente e verso de nove fôlios, o texto propriamente dito resume-se a 16 “descrições” dispostas em ordem crescente e organizadas quase como verbetes, os quais assumem tamanho muito variável conforme o tema considerado (vide Anexo 2). Voltados exclusivamente para as aves de rapina – vistas na época como os representantes mais nobres e dignos de nota de todos os voláteis – cada um desses itens encontra-se dedicado a uma espécie, regra nem sempre mantida devido a equívocos do autor em considerar formas distintas como macho e fêmea da mesma variedade. Não sendo

43 “Memorias Zoologicas, Phyto-logicas, e Minero-logicas ou Descrições Physico-historicas das mais notaveis produções Animaes, Vegetaes, e Mineræes do Estado do Graõ Parã. Em que Se representaõ as suas figuras illuminadas; da-se breve noticia de seos nomes proprios, especies, e dos lugares aonde se achaõ; e experimentalmente se manifestaõ as suas especificas virtudes, e excellentes propriedades. Ordenadas para preliminar introduccão da Historia Natural do Estado. Divididas em tres Partes” no original.

naturalista treinado, Dom Lourenço fornece descrições precárias e seus escritos podem mostrar-se um tanto fantasiosos, incorporando informações de terceiros não muito apuradas e generalidades sobre as rapineiras típicas da época. Bem mais pertinentes são as passagens sobre os hábitos das diferentes espécies, a etimologia dos nomes populares e seu emprego como matéria médica, o que demonstra o grande convívio que mantinha com os indígenas e caboclos da região de Belém.

Ao todo, as 16 “descrições” fornecidas dizem respeito a 17 espécies de Falconiformes (*sensu* E. Stresemann & D. Amadon *in* Mayr & Cottrel, 1979), das quais cinco também se encontram representadas nas pranchas incluídas no volume (vide adiante). As circunstâncias enfrentadas, infelizmente, permitiriam o reconhecimento cabal de apenas nove espécies, havendo seis atribuições tentativas e duas aves não identificadas, a saber:

RELAÇÃO DOS FALCONIFORMES DESCRITOS

Nome	Texto	Prancha	Identificação Proposta
“Uyràuasù”	“descrição 1 ^a ”	prancha 1	<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)
“Ouyrà ouassù meri”	“descrição 2 ^a ”	—	cf. <i>Morphnus guianensis</i> (Daudin, 1800)
“Yapacani”	“descrição 3 ^a ”	prancha 2	<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 1800)
“Tauatò”	“descrição 4 ^a ”	—	Falconiforme não identificado
“2 ^a espécie de tauatò”	“descrição 5 ^a ”	—	Falconiforme não identificado
“Tauatòhi”	“descrição 6 ^a ”	—	cf. <i>Micrastur gilvicollis</i> (Vieillot, 1817)
“Ouyrà ouassù panèma”	“descrição 7 ^a ”	—	cf. <i>Buteogallus urubitinga</i> (Gmelin, 1788)
“Ouyrà ouassù piranga”	“descrição 8 ^a ”	—	<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 1790)
“Ouyrà ouassù pirauàra”	“descrição 9 ^a ”	—	cf. <i>Pandion haliaetus</i> Linnaeus, 1758
“Inagè”	“descrição 10 ^a ”	prancha 3	cf. <i>Buteo magnirostris</i> (Gmelin, 1789)
“Caràcaràhi pixùna”	“descrição 11 ^a ”	—	<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)
“Caràcarai murutinga”	“descrição 11 ^a ”	—	<i>Milvago chimachima</i> Vieillot, 1816
“Uacuaaã”	“descrição 12 ^a ”	prancha 4	<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)
“Pixìpixi”	“descrição 13 ^a ”	—	<i>Buteogallus aequinoctialis</i> (Gmelin, 1788)
“Tapena”	“descrição 14 ^a ”	—	<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)
“Caburè”	“descrição 15 ^a ”	—	cf. <i>Micrastur</i> sp.
“Caburèhi”	“descrição 16 ^a ”	prancha 5	<i>Falco rufigularis</i> Daudin, 1800

O primeiro conjunto estaria composto por cinco Accipitridae e quatro Falconidae, a saber: “uyràuasù”, *Harpia harpyja* (“descrição 1^a”, prancha 1), “yapacani”, *Spizaetus ornatus* (“descrição 3^a”, prancha 2), “ouyrà ouassù piranga”, *Heterospizias meridionalis* (“descrição 8^a”), “caràcaràhi pixùna”, *Caracara plancus* (“descrição 11^a”), “caràcarai murutinga”, *Milvago chimachima* (“descrição 11^a”), “uacuaaã”, *Herpetotheres cachinnans* (“descrição 12^a”, prancha 4), “pixìpixi”, *Buteogallus aequinoctialis* (“descrição 13^a”), “tapena”, *Elanoides forficatus* (“descrição 14^a”) e “caburèhi”, *Falco rufigularis* (“descrição 16^a”, prancha 5).

Podendo estar formado por três Accipitridae, dois Falconidae e um Pandionidae, o segundo grupo incluiria o “ouyrà ouassù meri”, provavelmente *Morphnus guianensis* (“descrição 2^a”), “tauatòhi”, talvez *Micrastur gilvicollis* (“descrição 6^a”), “ouyrà ouassù panèma”, provavelmente *Buteogallus urubitinga*

(“descrição 7^a”), “ouyrà ouassù pirauàra”, talvez *Pandion haliaetus* (“descrição 9^a”), “inagè”, talvez *Buteo magnirostris* (“descrição 10^a”, prancha 3) e “caburè”, talvez um representante do gênero *Micrastur* (“descrição 15^a”), enquanto o último reúne dois Falconiformes não identificados: “tauatò” (“descrição 4^a”) e a “2^a espécie de tauatò” (“descrição 5^a”). Apesar das dúvidas existentes, parece relevante reproduzir aqui as observações contidas nesse manuscrito (vide também Anexo 2):

“Descrição 1^a – Do ‘uyràuasù’ ou ‘ouyrà ouassù’ ou gavião-real: É o gavião-real, a quem os tapuias chamam ‘ouyrà ouassù’ (que vale o mesmo que pássaro grande). Em todo o Estado Amazônico, das aves de rapina [é] a mais célebre, assim pelo avultado da corpulência, como pela lindeza das penas. Bem assentida e considerada a sua grandeza (segundo alguns

ornitólogos) é duas vezes maior que a águia⁴⁴. Tem a cabeça grossa e ornada de um penacho a maneira de trunfa⁴⁵, o rosto alguma coisa comprido, os olhos claros e tão vivos que nunca se inclinam fixos a uma parte. As meninas [dos olhos são] tão perspicazes (o que é comum a todas as aves de rapina) que olham fixas e seguras ao sol, ainda quando no ardente zênite despe de mais intensos os seus raios⁴⁶. As ventas são abertas, o bico [é] negro, revoltado e ponteagudo, [tendo] algum tanto cheio o sobrebico. O pescoço [é] encolhido e das costas descarregado. As pernas [são] escamosas e pálidas [com] os sancos curtos e grossos como o pulso de um homem⁴⁷. Os pés são compridos, descarnados e enxutos, [com] as unhas negras e curvas do comprimento do dedo index⁴⁸. Veste-se comumente nas costas e asas de penas pardas manchadas de negro e variadas de riscas brancas ou quase ruivas. As asas são tão grandes e fortes que muitas vezes só com os encontros mata algumas aves antes de aferrá-las com as unhas. Uma pena tirada das asas terá pouco mais ou menos um côvado de comprimento⁴⁹. A cauda [é] larga e comprida, da mesma cor das asas. O ventre [é] todo semeado de plumas brancas mui sutis e não menos excelentes que as das garçotas⁵⁰. Enfim, é de tão magnífica e airosa compostura que – se pelo vistoso das plumas e vultoso do corpo logra no brasílico idioma o majestoso epíteto da grandeza – também pela soberania e respeito que nele reconhece o natural instinto das outras aves e feras, não desmerece no vulgar a preeminência da regalia. Tem o voo senhorial e grave quando às aéreas campanhas se eleva, rápido e ligeiro como uma seta quando desce, rompendo suas transparentes esferas. Apenas aparece [e] logo os outros animais, com

respeitosa submissão, se encolhem e – tímidos – se sobressaltam⁵¹. Com muita facilidade despedaça um carneiro, derriba ao homem se descuidado o acomete. Faz guerra aos veados e persegue indiferentemente a todo gênero de animais, feras e aves.

Sustenta-se ordinariamente de bugios e – com mais particular apetite – se ceva nos que chamam guaribas e – atravessando-lhes o peito com igual sofreguidão e destreza – em breve espaço os devora. Por cujo motivo os tapuias também o apelidaram de ‘guariba ouãra’ ou ‘ouariua ouãra’, que quer dizer ‘comedor de guaribas’. Sendo porem o gavião real tão guloso por natureza, pode passar quinze até vinte dias sem comida. É perigosa a sua caça porque, sentindo-se dos caçadores mal ferido, deixa-se cair de costas e – unidos os sancos ao peito – finge-se de morto. Se inadvertidamente lhe tocam da parte da cauda, avança com tal violência aos braços de quem o pega que irremediavelmente os trespassa com as unhas. Habita em partes montanhosas e árvores altas, onde nidifica. Fabrica o ninho dos ossos dos animais que rapina e de bocados de ramos das arvores secas, [ambos] misturados com barro à maneira de uma torteira ordinária. Alguns indagadores da natureza dizem que põem três ovos, dos quais dois lança fora, mas a experiência nos tem mostrado que só põem um, o qual choca e fomenta. É o ovo pouco maior que o do peru, com salpicos de vermelho escuro⁵². Acha-se em maior número e grandeza nos sertões das Amazonas que em outras muitas partes, onde se vêem raros e – em comparação daqueles – são estes de mediana estatura. Muitos usam das [suas] penas para escrever. Os gentios dos sertões servem-se das unhas para [fabricar] assovios, para cujo efeito as ornam de várias plumas.

Queimadas a penas desta ave e aplicadas em pó sobre as venenosas picadas das arraias⁵³, têm particular virtude de lhes extrair o veneno e de mitigar as insofríveis dores que causam. A mesma propriedade se experimenta nas mordeduras de outros animais peçonhentos, exceto nas da cobra. Finalmente, tostadas as unhas e raladas, bebidas em pó repetidas vezes em água ou em qualquer outro licor conveniente (doses

44 Provável referência à águia-dourada, *Aquila chrysaetos* (Linnaeus, 1758), que pode atingir 84 cm de comprimento, 220 cm de envergadura e chegar aos 6 kg. Maior e bem mais pesada, a harpia alcança 105 cm de comprimento, 250 cm de envergadura e 9 kg, sendo considerada uma das aves de rapina mais poderosas do mundo.

45 Certo tipo de toucado antigo.

46 Cercadas por um forte simbolismo desde tempos imemoriais, as rapineiras ocupariam um lugar de destaque no imaginário cristão. A fábula dessas aves – em especial as águias – serem os únicos voláteis capazes de olhar diretamente para o sol continua viva nos dias de hoje e por vezes envolve uma compreensão bastante curiosa do papel desempenhado pela membrana nictitante.

47 Nome aplicado às patas das aves, desde as garras até a articulação da coxa.

48 De fato, a garra do primeiro dedo de *Harpia harpyja* pode atingir 7 cm de comprimento.

49 Portanto cerca de 66 cm, estimativa bastante próxima dos 60 cm de comprimento apresentado pelas primárias de alguns exemplares da espécie.

50 Tratam-se das egretes, plumas nupciais das garças (Ardeidae) muito apreciadas como ornamento.

51 Na tentativa de imprimir os pretensos atributos da realeza a uma ave de rapina, Dom Lourenço terminaria por produzir um relato bastante fantasioso sobre os hábitos dessa espécie.

52 Construído no alto das árvores, o ninho da harpia consiste de uma grande estrutura de gravetos com mais de 120 cm de diâmetro e 45 cm de altura. A postura é composta por um ou dois ovos de colorido amarelo sujo com cerca de 78 x 60 mm e 124 g. Conforme ocorre com diversas aves de rapina de maior porte, o filhote mais velho costuma matar o mais jovem, fenômeno conhecido como “cainismo”.

53 Provável referência aos acidentes com arraias de água doce pertencentes à família Potamoxygonidae.

[de] uma dracma⁵⁴ até duas), [é de muito proveito] nas gonorréias e outros semelhantes fluxos de ambos os sexos. Nas purgações brancas das mulheres, porém, obra com mais eficácia”.

“Descrição 2ª – Do ‘ouyrà ouassù meri’ ou ‘ouassù peua’: A segunda espécie do gavião é a que uns, pela mediania do corpo, deram o nome de ‘ouyrà ouassù meri’ e a que outros, pelo quase plano e chato da [sua] figura chamaram [de] ‘ouyrà ouassù peua’⁵⁵. É semelhante ao gavião-real, assim na plumagem de que se adorna como nas cores (ainda que não tão vivas) com que se matiza. Os olhos, bico, sancos, pés e unhas são da mesma feição que os do precedente mas sempre proporcionados à sua mediania, de sorte que – assemelhando-se tanto a ele – só difere na desigualdade [do] plano da forma e na sua medíocre grandeza. Mantém-se de vários pássaros que caça. Frequenta os matos e sítios de todo o Estado. Tem as mesmas propriedades e virtudes que o gavião-real, ainda que com menos eficácia na operação”.

“Descrição 3ª – Do ‘yapacani’: ‘Yapacani’ é [um] gavião pouco menor que o da segunda espécie. Tem as costas fuscas ou negras, o peito malhado, branco o bico e as extremidades da cauda riscadas de branco. Na formatura é mui parecido aos outros gaviões, porém menos atrevido e ergue as asas. Pia gritando à maneira de quem se queixa, fazendo-se perceber, ainda que confusamente as vozes [das quais] se compõem o seu nome. Também não difere dos mais gaviões no sustento e quando se ceva na presa, cobre-a com as asas e ocultamente a devora. Acha-se em todos os matos e neles habita, mas raras vezes aparece. Tomados sufumígio⁵⁶ – ou perfumes – das penas, serve de grande alívio nas febres, especialmente nas [febres] terças e diárias”.

“Descrição 4ª – Do ‘tauatò’, ou ‘taouàtò’: Bem investigada, a etimologia do nome ‘tauatò’ deriva-se da palavra brasílica ‘tau’ – que significa lugar povoado ou aldeia – que com o monossílabo ‘tò’ – da mesma língua – quer dizer habitador de povoado. A razão de darem os antigos índios tal nome a esta espécie de gavião talvez seria porque – de todos os gaviões – este é o que nos lugares habitados mais vezes aparece. É do

tamanho de uma galinha, tem as costas pardas cinzentas com riscos brancos, afermosea-lhe a cabeça um galante penacho. O peito é todo branco e a cauda, alguma cousa comprida, [é] raiada de branco e pardo. É mui ardiloso. Sustenta-se de aves. Habita em grandes matos e habitua-se em lugares donde há poleiros, que em breves dias deixa destituídos de galinhas. Os gentios dão a comer os miolos desta ave aos seus cães para os fazerem expertos para a caça”.

“Descrição 5ª – Da 2ª espécie de ‘tauatò’ ou ‘taouàtò’: Há outra espécie de ‘tauatò’ que não difere da primeira mais que na grandeza, porque no corpo [é] mais pequena. Tem o rabo mais comprido que a outra. Canta antes de dormir e também logo quando acorda. As vozes que profere sempre finalizam em ‘tò’, de onde talvez também tomaram os antigos de lhe chamarem ‘tauatò’ e porque são mais freqüentes em povoados. Mantém-se de galinhas e de outras aves que rapina com notável astúcia. Tem as mesmas propriedades que a precedente, posto que os índios lhas atribuem [ser] mais eficazes”.

“Descrição 6ª – Do ‘tauatòhì’ ou ‘taouàtòhì’⁵⁷: Chama-se esta ave ‘tauatòhì’ pela semelhança que tem com o ‘tauatò’ nas cores das penas de que se enfeita e na feição do corpo com que se figura. Somente difere em não ter penacho e ser de corpo mais pequeno, que isto mesmo significa o diminutivo do nome. É pois do tamanho – pouco mais ou menos – de uma perdiz ou de uma grande pomba. A voz é de um assovio mais fino, as costas mais escuras e o peito mais alvo que os dois [‘tauatò’] mencionados. Caça cigarras e com muita pertinácia persegue os passarinhos de que se sustenta. Conformados ao bárbaro costume de seus antepassados, os índios sarjam⁵⁸ os braços com as unhas do ‘tauatòhì’, persuadindo-lhes a sua ignorância que – com aquelas violentas incisões – se fazem idôneos para a caça”.

“Descrição 7ª – Do ‘ouyrà ouassù panèma’: A esta casta de gavião também chamam ‘tauatò pixùna’ – que vale o mesmo que ‘tauatò preto’ – porque, na verdade, é negro na cor, mas tão poento que parece coberto de cinzas, [enquanto] na feição e grandeza [é] semelhante ao ‘tauatò’. O nome mais próprio que lhe dão os índios é ‘ouyrà ouassù panèma’, que quer dizer ‘gavião sem ventura’, porque mais vezes que aos outros lhe

54 Oitava parte de uma onça, portanto equivalendo a 3,58 gramas.

55 A designação de “chato na figura” é muito feliz por recordar o aspecto esguio de *Morphnus guianensis*, espécie bem menos atarracada que *Harpia harpyja*.

56 Aplicação de um vapor ou uma fumaça tida como medicinal em qualquer parte do corpo.

57 Apesar da descrição bastante precária, vale notar que “tauatò-i” ou “to-to-i” são nomes registrados para *Micrastur gilvicolis* em Mato Grosso.

58 Referência à escarificação praticada por vários nativos do Brasil.

escapam as presas. Gasta a maior parte do dia em voar e raras vezes pousa. Vive de lagartixas, cobras e outros bichos. Em todos os matos se acha, porém mais frequentemente propende com seus voos para as partes marítimas. É sudorífico porque, queimadas as penas junto ao enfermo que necessita suar, lhe provoca grande cópia de suor”.

“Descrição 8^a – Do ‘ouyrà ouassù piranga’: Esta espécie de gavião é da mesma feição e grandeza que o ‘tauatò’. A cor das penas é vermelha como o almagre⁵⁹ e mais inclinante à cor de canela. Por isso lhe chamam ‘ouyrà ouassù piranga’, que quer dizer ‘gavião-vermelho’. Debaixo desta espécie se contam duas castas. A cor de uma é mais viva que a da outra e a que tem a cor menos viva tem a cabeça cinzenta. Porque andam sempre juntos, se supõe ser um macho e outra fêmea. Tem pintas brancas e escuras. As pernas são mais delgadas que as dos outros gaviões. O seu ordinário alimento são gafanhotos e outros insetos voláteis. Habita em campinas e lugares descampados. Os repetidos perfumes das penas mitigam as dores das juntas, a que o vulto chama corrimentos”.

“Descrição 9^a – Do ‘ouyrà ouassù pirauàra’: O gavião ‘ouyrà ouassù pirauara’, que quer dizer ‘comedor de peixes’, também se pode numerar entre as aves de rapina aquáticas. Tem muita semelhança na cor, forma e grandeza com o ‘ouyrà ouassù panema’, somente se diversifica pela notável perspicácia com que vê e enxerga – e pela velocidade e segurança com que rapina. Porque para tomar os peixes, de que se há de cevar, se levanta mui alto e parece que quanto mais alto se eleva, mais os enxerga na profundidade do mar, ainda quando são envoltas as águas. E despedindo[-se] da região aérea, rompe com violência de seta o fluido elemento e – sem que lhe escape presa – pesca com notável e incrível ligeireza [as] variedades de peixes de que vive, especialmente tainhas⁶⁰. Nos lugares aquáticos e nas partes marítimas é a sua contínua frequência, em cujas beiras costuma fazer ninho. O humor albugíneo ou aquoso que destilam os olhos furados deste pássaro, lançado nos olhos de quem tem a vista curta ou fraca, admiravelmente lha aclara e sutiliza”.

“Descrição 10^a – Do ‘inagè’ ou ‘anagè’: Ainda que alguns contem duas castas de ‘inagè’ ou ‘anagè’, como não diferem entre si mais que em ser a cor de um mais negra e obscura que a do outro, ambos se reduzem a

uma só espécie. Ignora-se a origem do [seu] nome, se bem me parece que os naturais o derivam do eco das vozes que [essa ave] profere. Todos têm malhas quase brancas pouco maiores que as dos outros gaviões, aos quais muito se assemelham na forma sendo, porém, medianos na grandeza. Vivem de passarinhos e lagartixas. O lugar da sua habitação é o mesmo que o dos outros, porque em todos os matos se acham. A carne comida impede os abortos das mulheres prenhas, fazendo-lhes reter e viver o feto, esforçando-as para o bom sucesso do parto. Enfim – comida a carne e tomados [por] muitos dias [os] perfumes das penas – é singular remédio para estupores”.

“Descrição 11^a – Do ‘caracaràhì’: Muitos imaginavam também serem duas as castas desta ave, uma de cor mais negra a que os índios chamam ‘caràcaràhì pixùna’ [e] outra de cor mais branca a que dão o nome de ‘caràcarai murutinga’. Mas bem considerada a forma e figura, reduzem-se ambas a uma só espécie e se supõem somente diferentes no sexo. São do tamanho do ‘inagè’, o bico entre vermelho e amarelo uma e [a] outra têm uma listra branca na cauda. Mantêm-se de gafanhotos e outros bichos. Habitam em lugares descampados e frequentam as campinas. A de cor mais preta conhece por natural instinto as praias onde as tartarugas chamadas tracajás põem os ovos⁶¹ e – desenterrando-os da areia – também neles se ceva. O bico deste pássaro, ralado e dado a beber em água tépida, é prodigioso remédio para tosses. A mesma propriedade tem a carne seca e torrada”.

“Descrição 12^a – Do ‘uacauaá’ ou ‘ouacauaá’: A etimologia do nome desta ave deriva do seu mesmo canto porque, começando por um grito trêmulo, acaba – por espaço de meia hora – clara e perceptivelmente nas vozes de que se compõe o nome ‘ouacauaá’. Por corrupção do vocábulo, [este nome] tem a mesma significação que o verbo brasílico ‘ouaqueuane’, que no nosso idioma vale o mesmo que ‘já voltou’, de onde tomaram os tapuias motivo para imaginarem que quando esta ave canta é infalível presságio de que já voltam as embarcações que se esperam. Equivoca-se muito o ‘uacauaá’ com o gavião chamado ‘tauatò’ [tanto] assim na grandeza do corpo como na forma, compostura e cores das penas, porque também é do tamanho de uma galinha. As penas das costas são pardas como a dos outros gaviões, o peito [é] branco ou quase ruivo, o bico [é] negro e com ter a cabeça chata, toda ruiva ou branca com uma listra parda ou quase negra em

59 Tipo de argila avermelhada.

60 Termo geral aplicado a várias espécies de peixes do gênero *Mugil* (Mugilidae).

61 “Taracajahàs” no original, nome aplicado às fêmeas de *Podocnemis unifilis* (Troschel, 1848) (Podocnemididae).

forma de cercilho⁶² ao redor da cabeça. Os olhos [são] claros com pouca diferença [daqueles] do gavião-real. Vive de lagartixas, cobras e todo o gênero de bichos mais venenosos. Quando os rapina, logo lhes segura a cabeça e a cauda com as unhas e – quebrando-lhes os ossos com o bico – os torna tão flexíveis que com facilidade os devora. Habita em todos os matos, porem é mais frequente nas campinas.

É tão excelente nas propriedades que não só é o mais útil dos da sua espécie, mas de todas as aves deste Estado é o mais estimável. Porque não se considerará nele a mínima parte que não se reconheça e experientemente dotada das mais singulares virtudes. O bico, ralado e dado a beber em água tépida ou em outro licor conveniente, é decantado alexifármaco ou contra-veneno, [além de ser] cardíaco, febrífugo e histérico. Mitiga todo o gênero de dores e cólicas. Suspende os vômitos violentos, cursos imoderados e ainda os disentericos. Sara as tosses mais inveteradas e [dá] proveito aos tísicos e hécticos⁶³. Modera e alivia os cansaços, particularmente os que procedem de cerrações e sufocações do peito. A mesma propriedade se experimenta nas unhas e também nas penas queimadas, nos ossos e na carne seca e torrada. Aplicado em colírio, o excremento – que depois de seco é semelhante ao alvaiade⁶⁴ – gasta e desfaz as névoas e cataratas dos olhos. Enfim, qualquer das sobreitas partes desta ave aplicadas exteriormente nas mordeduras ou picadas dos bichos venenosos lhes extrai todo o veneno. O pássaro inteiro cozido, bebido o caldo e comida a carne, é de grande proveito nas vertigens. Os gentios dão de comer a mesma carne cozida e dão de beber o caldo aos enfeitichados e usam juntamente de sufumígios das penas para dissolver os seus malefícios. A carne seca – posta de molho e aplicada à noite sobre as pálpebras dos olhos, lavando-os de manhã com água morna – é admirável remédio para os que [t]êm falta de vista. Mas é de notar que [aquele] que é doméstico e criado em casa com lagartixas e tripas de galinha não tem tão eficaz virtude como o silvestre, que se mantém de bichos venenosos que rapinam nas campinas e matos onde se acham”.

“Descrição 13^a – Do ‘pixipixi’⁶⁵: O ‘pixipixi’ é a décima-terceira espécie de gavião. Deriva-se-lhe o nome

62 O mesmo que tonsura.

63 Doentes que sofrem de consumpção progressiva do organismo.

64 Pigmento branco composto por carbonato de chumbo ou óxido de zinco.

65 Trata-se da mesma espécie citada como “gavião-pexipexi” no “Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [Secretário de Estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, remetendo as relações de algumas espécies de aves e animais naturais daquele Estado do Pará transportadas para Lisboa”, documento do

das mesmas vozes que profere quando grita. É do tamanho de uma galinha, a cor é avermelhada ou da cor de canela, assim nas costas como no peito. Nas costas, porém, tem riscos vermelhos e negros. Enfeita-lhe a cabeça um pequeno penacho. Vive de caranguejos. Em arvores altas e secas junto às partes marítimas é a sua habitação e onde pressente caranguejos é a sua maior frequência. Usam os índios de defumadouros das [suas] penas em todo o gênero de dores”.

“Descrição 14^a – Do ‘tapena’: Entre as mencionadas espécies de gavião tem o ‘tapena’ o décimo-quarto lugar. Dizem que a etimologia do nome lhe provém de ser rabiforcado, porque ‘tapena’ na língua dos tapuias quer dizer o mesmo que coisa partida ou quebrada. É quase da grandeza de um frangão. A cabeça e as costas são negras, do peito até a cauda é todo branco. Sustenta-se de insetos voláteis a que chamam jacinas⁶⁶, de formigas grandes e baratas. Gasta a maior parte do dia no ar voando e só pouisa de noite. Frequenta os lugares onde há grandes matas e roçados. Os sufumígios das penas são úteis nas [febres] terças”.

“Descrição 15^a – Do ‘caburé’ ou ‘kauourè’⁶⁷: Esta ave, que é a décima-quinta espécie de gavião, não só é de rapina mas também a enumeram alguns entre as noturnas porque só de noite aparece e grita, razão porque outros dizem que é [uma] espécie de coruja. Chamam-lhe ‘caburé’ pela muita força que tem, que isso mesmo significa o tal nome e por isso os tapuias, por antonomásia, dão aos mais esforçados [dos] seus o apelido de ‘caburé’. O corpo é como o de uma pomba, as penas das costas são negras, as do peito até o ventre brancas. Sustenta-se de [uma] variedade de aves que rapina. Habita em todos os matos, mas só de noite e raras vezes aparece de dia nos povoados. Com excesso procuram os tapuias esta ave para a dar [de] comer aos cães de caça, na consideração de que tem virtude de os fazer industriosos e espertos para as suas caçadas”.

“Descrição 16^a – Do ‘caburèh’ ou ‘kauourèh’⁶⁸: ‘Caburèh’ é [um] gavião de mais pequeno corpo

Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, datado de 9 de março de 1774 (AHU-ACL-CU-013, Cx. 72, D. 6120).

66 “Yassinias” no original. Variante de “jacina”, nome dado às libélulas (Odonata) na Amazônia.

67 É difícil decidir se o autor está descrevendo um Falconiforme ou um Strigiforme (no caso um Strigidæ). Considerando o texto seguinte, tem-se a impressão de tratar-se de um Falconiforme, cabendo notar que a designação de “caburé” já foi aplicada a *Micrastur ruficollis* (Vieillot, 1817).

68 Ao contrário do que o nome indica, o texto descreve perfeitamente *Falco rufigularis* e não um caburé (Strigidæ). O autor parece ter confundido “caburé” e “cauré”.

que o ‘caburè’, que isso mesmo significa o diminutivo ‘caburèhì’, que quer dizer o mesmo que ‘caburè pequeno’. É quase da mesma formatura, porém não é noturno. Na cabeça, costas, asas e cauda é todo negro, as penas debaixo do pescoço [são] brancas escuras com algumas pardas ou cor de canela na circunferência. O peito [é] negro com riscas brancas e miúdas, a parte inferior das asas e cauda também [são] riscadas de branco. Sobre a cauda se divisam umas riscas pardas cinzentas, as coxas das pernas [são] acaneladas e as extremidades das penas das costas [são] mais pardas que negras. Os olhos [são] afogueados, as pernas vermelhas inclinantes a pálidas, o bico e unhas [são] negros. É tão veloz no voo que alcança a todos os outros pássaros, perseguindo-os e picando-os nas costas pela mútua antipatia que há entre si”.

O “CATÁLOGO DOS PÁSSAROS”

Prosseguindo com a numeração anterior, as páginas 19 e 20 abrigam um “Catálogo dos Pássaros que se hão de descrever e retratar”, mero elenco de 82 nomes que dizem respeito a 65 aves pretensamente distintas, pois há uma palavra (“myuà”) repetida e existem diversos casos de espécies contempladas com mais de uma designação. Sem contar com qualquer figura ou comentário adicional, essa lista pretende apenas relacionar os voláteis que o autor pretendia descrever e retratar no futuro, circunstância capaz de impor sérias dificuldades à identificação das espécies mencionadas inclusive por haver mais de uma dúzia de vocábulos que não aparecem em qualquer outra fonte conhecida até o momento (vide adiante).

RELAÇÃO DOS NOMES DO “CATÁLOGO”

Nomes	Identificação Proposta
“Maguari”	<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766
“Ayayà” ou “culheirera”	Variantes de “ajaja” e de “colhereira”, nomes conferidos a <i>Ajaja ajaja</i> (Linnaeus, 1758)
“Auiyayà”	Variante de “tabuiaíá”, nome conferido a <i>Euxenura maguari</i> (Gmelin, 1789)
“Uacarà”	Nome aplicado às garças brancas (Ardeidae), sobretudo <i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)
“Çaracura”	Denominação conferida praticamente a qualquer Rallidae (Gruiformes)
“Sururina”	<i>Crypturellus soui</i> (Hermann, 1783)
“Cauitahù” ou “anhima”	Variante de “cauitaú”, um dos nomes aplicados tanto a <i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766) quanto a <i>Chauna torquata</i> (Oken, 1816)
“Tiputì cururùhìm”	Não identificado ⁶⁹ .
“Urù”	Provavelmente <i>Odontophorus gujanensis</i> (Gmelin, 1789) da Amazônia oriental
“Tatàouyrà” ou “ouyràtatà”	“Uirataua” ou “saurá” são nomes aplicados tanto a <i>Coryphospingus cucullatus</i> (Müller, 1776) (Emberizidae) quanto a <i>Phoenicircus carnifex</i> (Linnaeus, 1758) (Cotingidae)
“Matuhìtuhi”	Provavelmente <i>Charadrius collaris</i> Vieillot, 1818 ou algum outro Charadriidae
“Uyràmembý”	<i>Cephalopterus ornatus</i> I. Geoffroy Saint-Hilaire, 1809
“Tayassù ouyrà”	Variante de “taiaçuira”, uma das designações usadas para <i>Neomorphus geoffroyi</i> (Temminck, 1820)
“Putirì”	Variante de “potiri”, nome geral de diversos Anatidae
“Guananá”	Um dos nomes do pato-do-mato, <i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)
“Urùmetum”	Variante de “urumutum”, nome aplicado a <i>Nothocrax urumutum</i> (Spix, 1825)

69 Tastevin (1923) trata o “cururui” como “um passarinho”. Talvez venha de “tiputi” ou “tepoti” (“fezes”) e “cururui” (“sapo pequeno”, i.e. girino).

“Coròcoró”	Nome aplicado tanto a <i>Phimosus infuscatus</i> (Lichtenstein, 1823) quanto a <i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)
“Agerèua”	Variante de “jereba”, um dos vários nomes do urubu-de-cabeça-vermelha, <i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)
“Juruti”	Nome aplicado a diversos Columbidae tais como os representantes dos gêneros <i>Leptotila</i> e <i>Geotrygon</i>
“Picuhý”	Provavelmente <i>Columbina picui</i> Temminck, 1813, embora tal designação também seja aplicada a vários outros Columbidae
“Taquyrý”	Provavelmente <i>Nycticorax nycticorax</i> (Linnaeus, 1758), embora também possa designar outros Ardeidae
“Atimatim”	Nasalização de “atiati”, termo indígena empregado para designar as gaivotas, trinta-réis e afins (Laridae)
“Pirùpirù”	<i>Haematopus palliatus</i> Temminck, 1820
“Surucàca”	Talvez uma variante de “curucaca” ou “curicaca”, nomes aplicados a aves muito distintas. A julgar pelos anteriores, parece referir-se a um Threskiornithidae como <i>Theristicus caudatus</i> (Boddaert, 1783)
“Jyriuã”	Não identificado. Talvez uma variante de “juruva”, designação comum às espécies da família Momotidae
“Urutaouý”	Talvez o “urutaí” ou “maú”, <i>Perissocephalus tricolor</i> (P.L.S. Müller, 1776) (Cotingidae), embora o nome “jurutaí” designe os urutaus, <i>Nyctibius</i> spp. (Nyctibiidae)
“Tuguãa” ou “tiguaã”	Prováveis variantes de “tincuã”, um dos vários nomes de <i>Piaya cayana</i> Linnaeus, 1758
“Chingahù” ou “tingahù”	Prováveis variantes de “atingaú” ou “tingaçu”, outros nomes aplicados a <i>Piaya cayana</i>
“Taráã”	Provável variante de “carará”, uma das designações de <i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1758) (Anhingidae), ave bastante comum na Amazônia oriental. Uma eventual corruptela de “taratará”, nome popular de <i>Cercibis oxycerca</i> (Spix, 1825), parece ser bem menos provável pela distribuição geográfica apresentada por esse Threskiornithidae
“Cuyusu”	Não identificado ⁷⁰
“Aracuaã” ou “araquaã”	<i>Ortalis superciliaris</i> Gray, 1867 ou <i>Ortalis motmot</i> (Linnaeus, 1766), aves comuns na Amazônia oriental
“Curaxiuè” ou “curachiuè”	Variante de “carachué”, nome aplicado a vários Turdidae
“Kaákaã”	Provável variante de “canca”, nome aplicado a espécies tão diversas como as gralhas, <i>Cyanocorax</i> sp. (Corvidae) e as aves de rapina, inclusive <i>Buteogallus urubitinga</i> (Accipitridae) e representantes do gênero <i>Daptrius</i> (Falconidae)
“Ema”	<i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758)
“Yagurù” ou “yauurù”	Talvez uma referência ao jaburu, <i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1818)
“Ouacará” ou “uacará”	Nome aplicado às garças brancas, sobretudo <i>Egretta thula</i> Molina, 1782
“Yassaná”	Como o autor representa <i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766) (Jacanidae) sob o nome de “auapèssòca” nas pranchas anexas, parece razoável supor que sua “jaçaná” ainda não figurada na verdade seja <i>Porphyryla martinica</i> Linnaeus, 1766 (Rallidae)

70 Talvez venha de “cuiú” (papagaio) e “açu” (grande).

“Tímtímaperê”	Variante de “matintaperera” nome aplicado a <i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766) e aos dois representantes do gênero <i>Dromococcyx</i> (Cuculidae)
“Yurùpariàcanuèra”	Não identificado ⁷¹
“Yurupariàcanga” ou “anhanubàn”	Não identificado ⁷² .
“Yauaretètimbaua”	Não identificado ⁷³
“Matecàuouara”	Não identificado ⁷⁴
“Chihèchihè”	Não identificado ⁷⁵
“Murutìrassoca”	Não identificado ⁷⁶
“Querìua”	Variante de “crejuá”, nome aplicado a diversos Cotingidae
“Tamurùparà”, “yassuni” ou “yahùm”	Variante de “tangurupará”, designação comum a diversos representantes do gênero <i>Monasa</i> (Bucconidae)
“Tassiuarassoca”	Talvez uma variante de “taxiuara” (“comedor de formigas”), nome aplicado às espécies do gênero <i>Pyriglena</i> (Formicariidae), no caso <i>Pyriglena leuconota</i> (Spix, 1824) da Amazônia oriental ⁷⁷
“Uacurau”	Nome aplicado a diversos bacuraus (Caprimulgidae)
“Mucayàrassoca”	Não identificado ⁷⁸
“Anùmcoròca”	<i>Crotophaga major</i> Gmelin, 1788
“Suhìriri”	Designação comum a diversas espécies de Tyrannidae
“Tamatiaòouassù”, “apapà” ou “arapapà”	<i>Cochlearius cochlearius</i> (Linnaeus, 1766)
“Uacaràyùba”	Não identificado. A julgar pelo nome trata-se de uma garça (“uacará”) de colorido amarelado (“yuba”)
“Socòyuba”	O nome indica um só de colorido amarelado (“yuba”), talvez <i>Ixobrychus exilis</i> (Gmelin, 1789)
“Chicomìna”	Não identificado
“Myuà”	Um dos nomes de <i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789)
“Uariuoca” ou “uarihoca”	Não identificado
“Uyùyò”	Talvez uma variante de “tuiuí”, um dos nomes conferidos a <i>Myceteria americana</i> (Linnaeus, 1758)
“Ouyràpeua”	Não identificado ⁷⁹
“Quiquiyò”	Talvez uma variante de “frifrió” ou “pipió”, <i>Lipaugus vociferans</i> (Wied, 1820)
“Caràm” ou “uruuauàrà”	Trata-se do carão, <i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766) ⁸⁰
“Uaturihà”	Provável variante de “aturiá”, um dos nomes conhecidos de <i>Opisthocomus hoazin</i> (P.L.S. Müller, 1776)
“Pequy”	Talvez <i>Heliornis fulica</i> (Boddaert, 1783) (Heliornithidae) ou um Anatidae qualquer
“Tururì”	Provavelmente trata-se da sururina, <i>Crypturellus soui</i>
“Gyriua” ou “yiryua”	Talvez uma variante de “juruva”, designação comum às espécies da família Momotidae

71 Talvez venha de “jurupari-acanga-uera”, “a cabeça fora do corpo” (i.e. a caveira) “do jurupari”.

72 O primeiro nome poderia vir de “jurupari-acanga” (“cabeça do jurupari”), mas do segundo só se recupera “anhangá” (“diabo”).

73 Talvez venha de “jaguar” (onça) “ete” (verdadeiro) e “tumbaba” (pintado ou pintado de branco). Barbosa (1951) traduz “timbaraba” como “pintado” e “pintado de branco”.

74 Falharam as tentativas de localizar a raiz tupi de “mate”, mas “cauara” parece derivar de “caá-uàra” (“habitante do mato”).

75 O vocábulo mais próximo seria “chiichii” (vide Nogueira, 1880), nome registrado para as andorinhas (Hirundinidae).

76 Conforme estabelece Beaurepaire-Rohan (1889), “muruti” seria mera variante de “buriti”, nome conferido à *Mauritia flexuosa* (Arecaceae). Já “rassoca” parece vir de “raçog” (“bicho”, “larva”, “verme” etc.), o que daria “bicho de buriti”.

77 “Tassiuarassoca” poderia derivar de “tassiuá” (“formiga”) e “rassoca”, que parece vir de “raçog” (“bicho”, “larva”, “verme” etc.).

78 Conforme estabelece Cavalcante (1988), “mucajá” é o nome conferido à palmeira *Acrocomia sclerocarpa* (Arecaceae), enquanto “rassoca” parece vir de “raçog” (“bicho”, “larva”, “verme” etc.), o que daria “bicho de mucajá”.

79 Chermont de Miranda (1906) registra as grafias “arapeua” e “uirá-peua”, mas a identidade da ave assim nomeada permanece indefinida.

80 Dom Lourenço também menciona “uruuauàrà”, que parece derivar de “uruguá” (ou “aruá”, designação aplicada a vários caramujos aquáticos) e “uara” (“comedor de”). Significando “comedor de aruás”, o nome resultante seria bastante indicativo dos gastrópodos usualmente consumidos por essa espécie.

A PARTE ICONOGRÁFICA

Finalizam o manuscrito 65 pranchas numeradas de fatura e colorido precários, provavelmente elaboradas por algum indígena aos cuidados do chantre. Ao todo, estão figurados 67 elementos da avifauna amazônica, dos quais apenas cinco foram descritos no

texto anterior (pranchas 1 a 5). Boa parte dos originais reproduz um único táxon, mas existem casos de duas ou cinco formas presentes em uma só composição (pranchas 33, 36 e 40), bem como pinturas distintas dedicadas a uma mesma ave (pranchas 14-16, 37-38 e 49-51) ou ao macho e fêmea de uma dada espécie (pranchas 42-43).

RELAÇÃO DAS AVES FIGURADAS

Prancha	Identificação Proposta
1. “Uyràuassù”, “ouyrà ouassù” ou “gavião real”	<i>Harpia harpyja</i>
2. “Yapacani”	<i>Spizaetus ornatus</i>
3. “Anayè”, “inagè” ou “inayè”	Talvez <i>Buteo magnirostris</i>
4. “Uacauaã” ou “ouacauaã”	<i>Herpetoheres cachinnans</i>
5. “Caburèhÿ” ou “kaourèhÿ”	Caso diga respeito à ave homônima descrita anteriormente, trata-se de uma representação muito pobre do cauré, <i>Falco rufigularis</i>
6. “Sahihì”	Passeriforme não identificado. A julgar pelo nome e aspecto geral da ilustração, poderia ser um representante dos Coerebidae ⁸¹
7. “Outra casta de Sahihì”	Passeriforme não identificado. A julgar pelo nome e aspecto geral da ilustração, poderia ser um representante dos Coerebidae
8. “Guanambè”	Passeriforme não identificado. A julgar pelo nome e aspecto geral da ilustração trata-se de um Cotingidae, talvez <i>Querula purpurata</i> (Müller, 1776)
9. “Guanambè pixùna”	Passeriforme não identificado. Poderia ser um Cotingidae, talvez uma espécie do gênero <i>Xipholena</i> ou mesmo um macho de <i>Gymnoderus foetidus</i> (Linnaeus, 1758) muito mal representado
10. “Outra casta de Guanambè”	Passeriforme não identificado. Apesar do nome, não lembra um Cotingidae, recordando um Coerebidae como <i>Chlorophanes spiza</i> (Linnaeus, 1758)
11. “Tocana”	<i>Rhamphastos tucanus</i> Linnaeus, 1758
12. “Tocanassù”	<i>Ramphastos toco</i> P.L.S. Müller, 1776
13. “Metùm pinìma”	Fêmea de <i>Crax fasciolata</i> Spix, 1825
14. “Tangarà”	A julgar pelo nome e aspecto geral da ilustração trata-se provavelmente um macho de <i>Chiroxiphia pareola</i> (Linnaeus, 1766)
15. “Outra casta de Tangarà”	A julgar pelo nome trata-se de um Pipridae. Alguns detalhes da figura sugerem uma péssima representação de <i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)
16. “Outra casta de Tangarà”	A julgar pelo nome e aspecto geral da ilustração, trata-se provavelmente de um segundo macho de <i>Chiroxiphia pareola</i>
17. “Yapù”	A julgar pelo nome e aspecto geral da ilustração, trata-se de um representante do gênero <i>Psarocolius</i> (Icteridae)

81 *Sensu* Schauensee (1970).

18. “Yapù. Macho”
 19. “Yapìhì”
 20. “Urubù”
 21. “Urubù timpirànga”
 22. “Urubùtinga”
 23. “Auapèassòca”
 24. “Tuyùyù”
 25. “Petivì” ou “bentivì”
 26. “Arapaçù”
 27. “Ouariràrà”
 28. “Mayauy”
 29. “Ouarà” ou “guarà”
 30. “Pipira”
 31. “Inambù toron”
 32. “Inambù peua”
 33. “Garauàtos”
 34. “Yacù”
 35. “Yacamim”
 36. “Guainumbý” ou “picaflores”
 37. “Yuquirihý”
 38. “Yuquirihý com as azas abertas”
 39. “Tèm Tèm”
 40. “Arassari”
 41. “Socò”
 42. “Sorocohà”
 43. “Sorocohà femea”
 44. “Periquito”
 45. “Periquito de outra casta”
 46. “Periquito tuuayàpocù”
 47. “Periquito das serras”
 48. “Periquito de mangue”
 49. “Arara”
- A julgar pelo nome e aspecto geral da ilustração trata-se de um representante do gênero *Psarocolius* (Icteridae), talvez *Psarocolius viridis* (Müller, 1776)
Cacicus cela (Linnaeus, 1758)
Coragyps atratus Bechstein, 1793
Cathartes aura Linnaeus, 1758
Sarcoramphus papa (Linnaeus, 1758)
Jacana jacana (Linnaeus, 1758)
Jabiru mycteria (Lichtenstein, 1819)
Pitangus sulphuratus (Linnaeus, 1766)
 Ao contrário do que o nome sugere, trata-se de um Picidae, provavelmente a fêmea de *Campephilus rubricollis* (Boddaert, 1783)
 Representante não identificado do gênero *Chloroceryle* (Alcedinidae)
Hoploxypterus cayanus Latham, 1790
Eudocimus ruber (Linnaeus, 1758)
Ramphocelus carbo (Pallas, 1764)
Tinamus major (Gmelin, 1789)
Crypturellus variegatus Gmelin, 1789
Campylorhamphus sp., talvez *Campylorhamphus procurvoides* (Lafresnaye, 1850) da Amazônia oriental. A segunda figura, demasiado tosca, talvez refira-se a *Pithys albifrons* (Linnaeus, 1766)⁸².
Penelope sp.
Psophia sp.
 Ilustração muito precária de cinco Trochilidae não identificados
Eurypyga helias (Pallas, 1781)
Eurypyga helias (Pallas, 1781)
 Provavelmente *Euphonia lanirostris* d’Orbigny & Lafresnaye, 1837
 Além de um araçari não identificado (Ramphastidae), a prancha figura um provável *Rhamphastos vitellinus* (Lichtenstein, 1823)
 Talvez uma precária representação de *Tigrisoma lineatum* (Boddaert, 1783)
 Talvez o macho de *Trogon melanurus* Swainson, 1838
 Talvez a fêmea de *Trogon melanurus*
 Psittacidae não identificado
Aratinga jandaya (Gmelin, 1788)
Aratinga aurea (Gmelin, 1788)
 Talvez uma representação bastante precária de *Aratinga solstitialis solstitialis* (Linnaeus, 1766)⁸³
Pionites leucogaster (Kuhl, 1829)
 Talvez *Ara chloroptera* (Gray, 1859)

82 “Garavato” é um pau usado para colher frutas cuja extremidade encontra-se armada com um gancho. No caso, esse nome parece ter sido aplicado a uma espécie do gênero *Campylorhamphus* – possivelmente *Campylorhamphus procurvoides* (Lafresnaye, 1850) da Amazônia oriental – devido ao bico longo e curvado desse Dendrocolaptidae.

83 Na época, a designação de “periquito das serras” costumava ser aplicada a *Aratinga solstitialis solstitialis*, Psittacidae muito cobiçado como ave de gaiola que aparece sob o nome de “periquito-das-serras-do-rio-branco” na iconografia de Alexandre Rodrigues Ferreira (vide Teixeira & Papavero, 2003). Demasiado tosca, a prancha não permite uma identificação conclusiva e parece retratar um Psittacidae totalmente amarelo.

50. “Arari” Talvez *Ara macao* (Linnaeus, 1758)
51. “Araracanga” Possivelmente um segundo exemplar de *Ara chloroptera*
52. “Araruna” *Anodorhynchus hyacinthinus* (Latham, 1790)
53. “Parauà” Psittacidae não identificado
54. “Parauàuassù” Psittacidae não identificado
55. “Parauàuassùitè” Psittacidae não identificado
56. “Parauàpixuna” A julgar pelo nome e aspecto geral da ilustração trata-se provavelmente de *Pionus fuscus* (Müller, 1776)
57. “Parauà contrafeito” Psittacidae não identificado com a plumagem “tapirada”⁸⁴
58. “Curica” Psittacidae não identificado
59. “Curicaca” Psittacidae não identificado
60. “Anacaã” Provavelmente um exemplar de anacã, *Deropterus accipitrinus* (Linnaeus, 1758) com a crista abaixada
61. “Uirajuba” ou “ouyràyuua” A julgar pelo nome, trata-se de uma representação muito pobre da guaruba ou guirajuba, *Guarouba guarouba* (Gmelin, 1788)
62. “Maracanàn” Psittacidae não identificado
63. “Canindè” *Ara ararauna* (Linnaeus, 1758)
64. [Anônima] Falconiforme não identificado
65. [Anônima] *Mitu tuberosa* (Spix, 1815)

Poucos são os desenhos a mostrar qualquer outro elemento de alguma forma relacionado à espécie retratada. Nos exemplos menos cuidados, o artista adicionaria árvores da região – por exemplo uma palmeira carregada de frutos (prancha 12) ou uma embaúba (prancha 13) – evoluindo para uma paisagem de fundo mais elaborada – uma floresta com árvores altaneiras no caso de *Harpia harpyja* (prancha 1) e uma paisagem estuarina para *Eudocimus ruber* (prancha 29). Algumas ilustrações, entretanto, contemplam outros aspectos, chegando a retratar um *Crypturellus variegatus* preso em uma engenhosa arapuca de galhos (prancha 32) e um *Sarcoramphus papa* devorando os restos de um veado cercado por urubus pretos (prancha 22), arranjo aparentemente baseado na lendária primazia que os exemplares dessa espécie gozariam frente aos outros Cathartidae.

Algumas pranchas merecem destaque por ilustrar certos aspectos da biologia das aves retratadas. Naquela dedicada a *Cacicus cela* (prancha 19), o artista acrescenta o ninho em forma de bolsa característico desse Icteridae, enquanto o macho de *Trogon* cf. *melanurus* (prancha 42) aparece ao lado do que parece ser um cupinzeiro arborícola com seus ocupantes esvoaçando ao redor, pormenor significativo tanto pelo fato de os Trogonidae brasileiros frequentemente capturarem insetos em pleno voo quanto por muitas vezes nidificarem no interior de cupinzeiros desse tipo (Sick, 1985). Nesse mesmo sentido, também é digno

de nota que as duas figuras do “yuquirihý” reproduzem um *Eurypyga helias* com um pequeno inseto no bico (prancha 37) – detalhe evocativo de designação popular de “papá mosca” ou “inseto nas asas” (prancha 38), postura bastante típica da espécie (Vieira, 1936; B.T. Thomas *in* Hoyo *et al.*, 1996).

Além do nome da ave retratada, quatro das 66 pranchas apresentam anotações que parecem ter sido acrescentadas aos originais por terceiros. Retratando uma *Harpia harpyja*, a primeira prancha da série apresenta duas sentenças escritas em latim, uma sob a figura e outra na margem direita adjacente. Algo sucinta, esta última estabelece que “na língua brasílica ‘Ouyrà ouassou’ significa ‘grande ave’, a qual os portugueses do Brasil chamam de gavião-real”⁸⁵, enquanto o texto da primeira acaba por confundir a rapineira figurada com o condor-dos-andes, *Vultur gryphus* Linnaeus, 1758: “Uyrà uassù, Ouyrà ouassù, Gaviam Real, ou seja gavião-real ou açor-real. Dos portugueses do Brasil ‘gaviam’ ou ‘gavião’, dos espanhóis ‘gavilan’”. Mas os espanhóis assim denominam apenas o açor vulgar e esta ave (cujo corpo nessa pintura carece de proporção com a cabeça) chamam impropriamente de ‘abutre’ no Peru. Mas os nativos, na antiga língua incaica, chamam-na ‘contur’ que na ortografia francesa escreve-se ‘contour’⁸⁶.

85 “Ouyrà ouassou in Brasiliensis lingua significat avis magna haec est quam Lusitani brasilicum vocant Gaviam Real” no original.

86 “Uyrà uassù, ou Ouyrà ouassù, Gaviam Real, id est accipiter regius seu nisis regius. A Lusitanis Brasiliensibus Gaviam seu Gavião ab hispanis Gavilan. Sed solum accipitrum vulgarem

Bem mais expeditas, as observações presentes na parte inferior das três outras pranchas foram escritas em francês com uma caligrafia bastante semelhante à das notas em latim. Na ilustração de *Ramphastos toco* (prancha 12), consta a breve denominação de “tucano grande”⁸⁷, ao passo que naquela de *Psophia* sp. (prancha 35), consta a frase “um jacamim de Caiena, Viagem do Rio Amazonas”⁸⁸, clara alusão à “Viagem à América Meridional”, obra de La Condamine vinda à luz em 1745⁸⁹. Por último, a imagem de um papagaio contrafeito (prancha 57) apresenta a anotação: “Papagaio tapirado. Este é o nome dado em Caiena àqueles que se tornam cobertos de plumas de outro colorido. Ver Viagem do Rio Amazonas, Memória da Academia, 1745”⁹⁰, portanto uma segunda referência a esta mesma publicação⁹¹ (La Condamine, 1745).

DISCUSSÃO

A julgar pela carta de Dom Lourenço e pelas notas acrescentadas à parte introdutória, o original das “Memórias” teria sido enviado para a França em 1º de fevereiro de 1752, sendo recebido por La Condamine

em 26 de maio seguinte. No final desse mesmo ano, em 23 de dezembro, o manuscrito já estaria na Academia de Ciências de Paris. As anotações observadas nas pranchas, entretanto, possuem outra natureza e indicam que o manuscrito foi trabalhado por algum estudioso interessado na avifauna do Novo Mundo.

Embora dignas de atenção, as referências à “Viagem à América Meridional” pouca luz lançam sobre a autoria e data dessas adendas, haja vista que a primeira edição da obra de La Condamine remonta a 1745, portanto antecedendo a elaboração do manuscrito em mais de seis anos. Por outro lado, ao confundir o gavião-real, *Harpia harpyja*, com o condor-dos-andes, *Vultur gryphus*, a extensa observação presente na pintura do “uyrauassù” (prancha 1) não apenas reproduz o equívoco cometido por Buffon como emprega termos virtualmente idênticos aos utilizados pelo célebre naturalista, coincidência indicativa de um acréscimo efetuado após 1770, data de publicação do primeiro volume da célebre “Histoire Naturelle des Oiseaux” (Buffon, 1770-1786)⁹². De certa forma, essa possibilidade seria reforçada pelo breve “grand toucan” adicionado à figura do “tocanassù” (prancha 12), pois tal designação parece haver se tornado mais frequente no começo do século XIX graças à monumental “Histoire Naturelle des Oiseaux du Paradis” de François Levaillant (Levaillant, 1801-1806).

Ainda que não bastem para dirimir as dúvidas existentes, pelo menos dois autores franceses do século XIX são incisivos em mencionar que o manuscrito em questão foi consultado por Charles Nicolas Sigisbert Sonnini de Manoncourt (1751-1812), colaborador de Buffon encarregado da redação dos artigos referentes às aves exóticas da “Histoire Naturelle”. Em 1799, doze anos após a morte de seu mentor, Sonnini daria início a uma nova edição dessa obra com numerosas observações próprias, tendo incorporando passagens das “Memórias” de Dom Lourenço nos volumes dedicados às aves, todos impressos entre 1800 e 1805 (vide Buffon, 1799-1808). No Anexo 3 apresentamos

Hispani sic nuncupant et hanc avem (cujus corpus in hac pictura caret proportione respectu capitis) impropiè vocant Buytre (à Vulture) in Peruvia Scilicet, sed ab Indigenis in linguâ antiquâ Incurum vocatur Contur quod ortographia Galicâ scribendum Contour” no original.

87 “Grand Toucan” no original.

88 “A Cayenne Agami. Voyage de la Riv. des Amazones” no original.

89 Nas páginas 174 e 175 da “Viagem”, o naturalista francês estabelece que “l’oiseau appellé ‘Trompetero’ par les Espagnols dans la province de Maynas, est le même qu’on nome ‘Agami’ au Para & à Cayene. Il est for familier, & n’a rien de particulier que le bruit qu’il fait quelquefois, qui lui a fait donner le nom de l’oiseau Trompette. C’est mal à propos que quelques-uns ont pris ce son pour un chant, ou pour un ramage. Il paroît qu’il se forme dans un organe tout différent, & précisément opposé à celui de la gorge” (La Condamine, 1745).

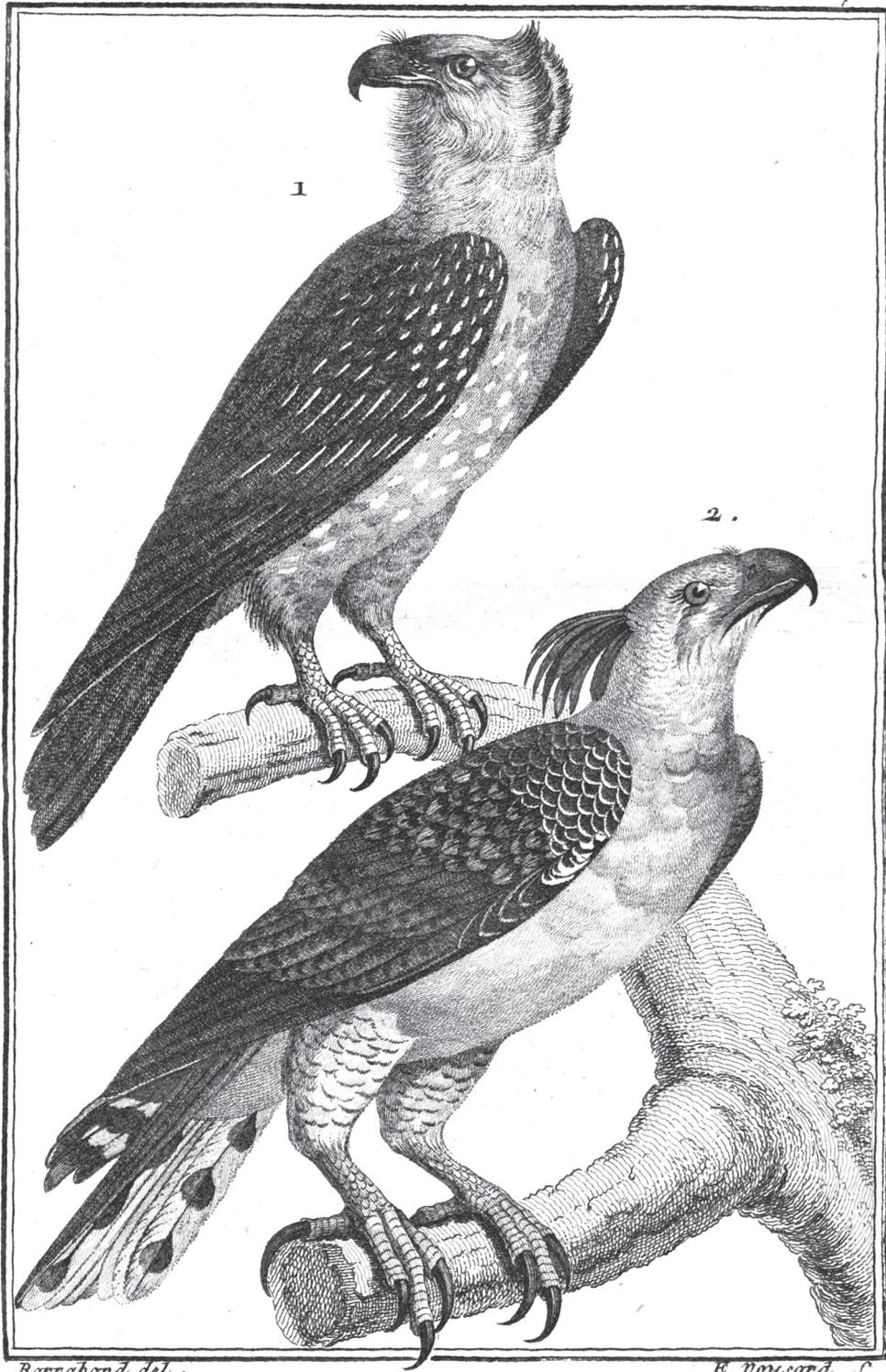
90 “Perroquet tapiré. C’est le nom qu’on donne a Cayenne a ceux qui on fair revenir des plumes d’une autre couleur. Voy. Voy. Des amazones. Mem. de l’acad. 1745”.

91 Nas páginas 173 e 174 da “Viagem”, o naturalista francês comenta que “les Indiens des bords de l’Oyapoc ont l’adresse de procurer artificiellement aux Perroquets des couleurs naturelles, différentes de celles qu’ils ont reçues de la nature, en leur tirant les plumes, & en les frottant avec du sang de certaines Grenouilles; c’est là ce qu’on appelle à Cayenne, ‘tapirer un Perroquet’: peut-être le secret ne consiste-t-il qu’à mouiller de quelque liqueur âcre l’endroit qui a été plumé; peut-être même n’est-il besoin d’aucun apprêt, & c’est une expérience à faire. En effet il ne paroît pas plus extraordinaire de voir dans un oiseau renâtre des plumes rouges ou jaunes, au lieu de vertes qui lui ont été arrachées, que de voir repousser du poil blanc en la place du noir sur le dos d’un cheval qui a été blessé” (La Condamine, 1745).

92 Tendo como base autores como Feuillée (1714, 1725), Frézier (1716), Renaut des Marchais (in Labat, 1730), La Condamine (1745), Laet (1633) e Léry (1578), Buffon terminaria por confundir *Harpia harpyja* e *Vultur gryphus* na página 184, primeiro volume, de sua “Histoire Naturelle des Oiseaux” (1770). A passagem pertinente recorda sobremaneira o texto agregado às “Memórias” de Dom Lourenço, mencionando: “Le Condor. ‘Cuntur’, au Pérou & au Chili. ‘Ouyrad-Ovassou’ (Ouyra-ouassou), chez peuples du Maragnon, ce qui signifie grand ‘Ouará’ ou grand ‘Aurá’, grand oiseau de proie, car de Lery observe que le mot ‘Ouará’, ‘Ouyra’, ‘Aurá’, chez les Topinamboux, est un nom générique por tous les oiseaux de proie. ‘Cuntur’ par les Péruviens, ‘Condor’ par les Espagnols” (Buffon, 1770-1786).

Pl. VII.

T. 28. P. 41.



Barraband del.

H. Voysard sc.

1. L'OUISA OUASSOU .
2. LE DESTRUCTEUR .

FIGURA 1: O "ouisa ouassou", *Harpia harpyja*, da "Histoire Naturelle" editada por Charles Sigisbert Sonnini (1800), gravura baseada em original das "Memórias" de Dom Lourenço Álvarez Roxo de Potflis.

a tradução adaptada por Sonnini da descrição do *Ouyrà ouassou* feita por Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis (cf. Sonnini, 1801: 47-51).

Em verbete do “Nouveau Dictionnaire d’Histoire Naturelle”, o célebre ornitólogo francês Louis Jean Pierre Vieillot explicita tal influência ao mencionar as conjecturas de Sonnini sobre a “aigle moyen de la Guyane”, *Spizaetus variegatus* (= *Morphnus guianensis*) ser o mesmo “ouira ouassou meri” ou “ouira ouassou pena” dos habitantes do Pará descrito por “Don Laurent Alvares de Potflitz”, “correspondente da Academia de Ciências de Paris”, em “seu manuscrito português” (Vieillot, 1819)⁹³. Algo semelhante seria registrado no “Dictionnaire des sciences naturelles” por Charles Henri Frédéric Dumont de Sainte-Croix, o qual relata a tentativa de Sonnini em associar *Falco antillarum* de Gmelin, uma espécie dúbia, ao “ouira-ouassou-panema” das “Memórias”⁹⁴, acrescentando que esse mesmo autor teria copiado a prancha e a descrição do “uyràouassù” fornecidas por Dom Lourenço em sua versão da obra de Buffon (Dumont, 1816, 1825)⁹⁵ (Fig. 1).

93 “Sonnini conjecture que l’aigle moyen de la Guyane [*Spizaetus variegatus* = *Morphnus guianensis*] dont il a été question ci-dessus est l’ouira ouassou meri, ou ouira ouassou pena, des naturels du Para; mais Don Laurent Alvares de Potflitz, correspondant de l’Académie des sciences de Paris, en parle, dans son manuscrit portugais, d’une manière si vague et si obscure, qu’on ne place ici cette conjecture que comme une simple indication adressée aux voyageurs qui se trouveront à portée de la vérifier” (Vieillot, 1819).

94 Em seu verbete do “Dictionnaire des sciences naturelles” intitulado “aigle mansféni”, Charles Henri Frédéric Dumont de Sainte-Croix faz alusão ao manuscrito de Dom Lourenço sem mencionar o autor: “*Falco antillarum*, Gmelin [espécie dúbia]. Cet oiseau, dit Dutertre, a tant de ressemblance avec l’aigle, que la seule petitesse peut l’en faire distinguer. Il n’est guère plus gros qu’un faucon, mais ses griffes sont beaucoup plus fortes. Il n’attaque cependant que des ramiers, des tourterelles, des grives, d’autres petits oiseaux, et même des serpens et des lézards. Il se perche ordinairement sur les arbres les plus élevés. Sa chair, quoiqu’un peu noire, est bonne à manger. Sonnini présume que cet oiseau est le même que l’espèce d’aigle pêcheur nommée au Brésil ‘ouira-ouassou-panema’, qui plane presque toute la journée sur les bords vaseux de la mer, où il trouve en abondance les reptiles, qui forment sa principale nourriture” (Dumont, 1816).

95 Em outro verbete do “Dictionnaire des sciences naturelles” intitulado “ouyra-ouassou”, Dumont de Sainte-Croix faz nova alusão ao manuscrito de Dom Lourenço, mencionando: “Suivant Léry, le mot ouyra est, chez les Topinambous, un nom générique de tous les oiseaux de proie, et chez les peuples du Maragnon, l’ouyra ouassou est un grand oiseau de proie par excellence. Aussi Buffon a-t-il accolé ce nom à celui de condor, et l’ouyra-ouassou n’a-t-il cessé d’être considéré comme un vautour, que d’après la description et la figure qu’on en a trouvées dans un manuscrit du Portugais Don Laurent de Potflitz, fait au Para. Cette figure a été copiée sur la 7e. planche du tome 38 de l’édition de Buffon, donnée par Sonnini, et

Como legítimo representante de uma elite colonial cada vez mais atenta às influências iluministas vindas da Europa, Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis abraçaria a ambiciosa tarefa de produzir um estudo assaz abrangente sobre as produções naturais e os habitantes do Grão-Pará. Embora viesse a falecer quatro anos depois de iniciar suas atividades e deixasse apenas um breve manuscrito inconcluso, Dom Lourenço surge como um dos primeiros luso-brasileiros a se interessar pela História Natural do nosso país, precedendo Alexandre Rodrigues Ferreira em quase meio século e mostrando-se anterior até mesmo aos textos e iconografias do italiano Antonio Giuseppe Landi e do português Francisco Antônio Sampaio (Meira Filho, 1976b; Papavero *et al.*, 2002; F.A. Sampaio, 1971; Simon, 1983). Nesse sentido, a reiterada consulta das “Memórias” pelos naturalistas franceses do Século das Luzes tanto ressalta o pioneirismo de Dom Lourenço, quanto indica quão poucas informações sobre a fauna brasileira estavam disponíveis na literatura da época, que ainda tinha como principal testemunho Jean de Léry e outros cronistas do século XVI, bem como as obras de Marcgrave e Piso produzidas durante o período do domínio holandês (Léry, 1578; Marcgrave, 1648; Piso, 1648, 1658).

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos a Ruth Maria Fonini Monserrat (Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro) pelo auxílio prestado no estudo de alguns nomes tupis. Por fim, cabe destacar o apoio concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) às pesquisas realizadas pelos autores durante os últimos anos.

RESUMO

Chantre da catedral de Belém, no antigo Estado do Grão-Pará e Maranhão, Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis (1699-1756) é autor de um manuscrito sobre a avifauna regional, trabalho enviado ao naturalista francês Charles Marie de La Condamine em 1752. Depositado no Muséum National d’Histoire Naturelle, Paris (MS 2251), esse original compreende a descrição de 16 aves de rapina, uma lista de 82 nomes populares e 65 pranchas

c’est aussi du même manuscrit qu’a été tirée la description que est analysée dans le tom. 1er. de ce Dictionnaire, p. 370” (Dumont, 1825).

coloridas de aves amazônicas. Ao que parece, esta seria a única parte efetivamente escrita de uma ambiciosa obra sobre os três reinos da natureza amazônica intitulada “Memórias zoológicas, fitológicas e mineralógicas ou descrições físico-históricas das mais notáveis produções animais, vegetais e minerais do Estado do Grão-Pará”. Embora viesse a falecer quatro anos depois de iniciar suas atividades e deixasse apenas um manuscrito inconcluso, Dom Lourenço surge como um dos primeiros luso-brasileiros a se interessar pela História Natural do nosso país, precedendo Alexandre Rodrigues Ferreira em quase meio século e mostrando-se anterior até mesmo aos textos e iconografias do italiano Antonio Giuseppe Landi e do português Francisco Antônio Sampaio.

PALAVRAS-CHAVE: Dom Lourenço Álvarez Roxo de Potflis; Pará; Aves; Naturalistas; Século XVIII; Muséum National d’Histoire Naturelle; Paris; Manuscrito 2251.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L.; GIL, R. & TAVARES, H.S. 2008. *Índice dos processos de habilitação para familiar do Santo Ofício da Inquisição*. Guarda-Mor, Lisboa.
- AMATO, R. DE C.F. 2006. Cultura musical e pianística nacional: seus crescendos e diminuendos. *Em Pauta*, 17(28):19-37.
- ANÔNIMO. 1760. Suite sur le commerce de Portugal. In: *Journal de Commerce, dédié à son Altesse Royale Monseigneur Le Prince Charles-Alexandre Duc de Lorraine et de Bar, Gouverneur & Capitaine-Général des Pays-Bas pour sa Majesté Imperiale, Royale et Apostolique*. J. Vanden Berghen, Bruxelles, 3-51.
- ANÔNIMO. 1766. *Les Intérêts des Nations de l’Europe, développés relativement au commerce*. Elie Luzac, Leiden.
- AZEVEDO, J.L. 1901. *Os Jesuítas no Grão-Pará*. Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa.
- BAENA, A.L.M. 1878. *Bosquejo chronologico da Veneravel Ordem Terceira de São Francisco da Penitencia do Grão Pará*. Typographia do Commercio, Belém.
- BARBOSA, A.L. 1951. *Pequeno Dicionário Tupi-Português*. Livraria São José, Rio de Janeiro.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, H.P.C. DE. 1889. *Diccionario de vocabulos brasileiros*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.
- BETTENDORF, J.F. 1910. Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, 72(1ª parte):1-697.
- BUFFON, G.L.L., COMTE DE. 1770-1786. *Histoire Naturelle des Oiseaux*. Imprimerie Royale, Paris.
- BUFFON, G.L.L., COMTE DE. 1799-1808. *Histoire naturelle, générale et particulière par Leclerc de Buffon. Nouvelle édition, accompagnée de notes, et dans laquelle sont insérés les suppléments dans le premier texte, à la place qui leur convient. L’on y a ajouté l’histoire naturelle des Quadrupèdes et des Oiseaux découverts depuis la mort de Buffon, celle des Reptiles, des Poissons, des Insectes et des Vers; enfin l’histoire des Plantes dont ce grand Naturaliste n’a pas eu le temps de s’occuper. Ouvrage formant un Cours complet d’Histoire Naturelle, rédigé par C.S. Sonnini*. F. Dufart, Paris.
- CASTELLO-BRANCO, C. 1868. *Memorias de Fr. João de S. Joseph Queiroz, Bispo do Grão Pará*. Typographia da Livraria Nacional, Porto.
- CAVALCANTE, P.B. 1988. *Frutas comestíveis da Amazônia*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.
- CHAMBOULEYRON, R.I. 2005. *Portuguese colonization of the Amazon region, 1640-1706*. (Tese de Doutorado em História). Faculty of History, University of Cambridge, Cambridge.
- CHERMONT DE MIRANDA, V. 1906. *Glossário paraense, ou Collecção de vocabulos peculiares á Amazônia e especialmente á ilha de Marajó*. Livraria Maranhense, [Belém do] Pará.
- CUNHA, A.P.M. 2009. *Engenhos e engenhocas: atividade açucareira no Estado do Maranhão e Grão-Pará (1706-1750)*. (Dissertação de Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém.
- DANIEL, J., S.J. 1976a. Tesouro descoberto no Rio Amazonas. *Anais da Biblioteca Nacional*, 95(1):5-437.
- DANIEL, J., S.J. 1976b. Tesouro descoberto no Rio Amazonas. *Anais da Biblioteca Nacional*, 95(2):5-457.
- DUMONT, C.H.F. 1816. Aigle mansféni. In: *Dictionnaire des Sciences Naturelles, dans lequel on traite methodiquement des differens etres de la nature, consideres soit en eux-memes, d’après l’état actuel de nos connoissances, soit relativement a l’utilite qu’en peuvent retirer la medecine, l’agriculture, le commerce et les arts*. F.G. Levrault, Paris. Tome I, 369-370.
- DUMONT, C.H.F. 1825. Ouyra-ouassou. In: *Dictionnaire des Sciences Naturelles, dans lequel on traite methodiquement des differens etres de la nature, consideres soit en eux-memes, d’après l’état actuel de nos connoissances, soit relativement a l’utilite qu’en peuvent retirer la medecine, l’agriculture, le commerce et les arts*. F.G. Levrault, Paris. Tome XXXVII, 121.
- DURING, S. 2002. *Modern Enchantments: the Cultural Power of Secular Magic*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
- FERREIRA, M.C. 2007. O Mapa das Cortes e o Tratado de Madrid. A cartografia a serviço da diplomacia. *Varia Historia*, 23(37):51-69.
- FEUILLÉE, L.E. 1714. *Journal des observations physiques, mathématiques et botaniques faites par ordre du Roy sur les Côtes Orientales de l’Amérique méridionale & dans les Indes Occidentales depuis l’année 1707 jusque en 1712*. P. Giffart, Paris.
- FEUILLÉE, L.E. 1725. *Suite du Journal des observations physiques, mathématiques et botaniques faites par ordre du Roy sur les Côtes Orientales de l’Amérique méridionale & dans les Indes Occidentales, et dans un autre voyage fait par même ordre à la Nouvelle-Espagne et aux Isles de l’Amérique*. Mariette, Paris.
- FILINTO ELYSIO. 1806. *Versos de Filinto Elysio*. [s.n.], Paris.
- FILINTO ELYSIO & TORRES, D.M. [ca. 1800]. *Ode ao senhor Gaspar Bertrand Pilaer, no seu desposorio com Mademoiselle Du Plessis; ode a Elia, voltando da Gran Bretanha; Orpheo despeçado pelas bacantes; ode a cupido; ode ao senhor doutor Antonio Ribeiro Sanches; queixas a Apollo; cantata á noite; ode a Filinto*. [s.n.], [s.l.].
- FONSECA, J.G. DA. 1866. Notícia da situação de Mato Grosso e Cuyabá. Estado de umas e outras minas e novos descobrimentos de ouro e diamantes. *Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil*, 29(1):352-390.
- FRÉZIER, A.F. 1716. *Relation du voyage de la mer du Sud aux côtes du Chily et du Perou*. Jean-Geoffroy Nyon, Paris.
- GOELDI, E.A. 1907. Description of *Hyla resinifictrix*, a new Amazonian tree-frog peculiar for its breeding-habits. *Proceedings of the Zoological Society of London*, 1907(1):135-140.
- HOYO, J. DEL; ELLIOT, A. & SARGATAL, J. (Ed.). 1996. *Handbook of the birds of the world*. Lynx Edicions, Barcelona. Volume 3: Hoazin to Auks.
- ISHERWOOD, R.M. 1981. Entertainment in the Parisian Fairs in the Eighteenth Century. *Journal of Modern History*, 53(1):24-48.

- JAECKEL, V. 2008. Missionários alemães no Estado do Maranhão. *Revista Contingentia*, 3(1):95-102.
- LA CONDAMINE, C.M. DE. 1745. *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Méridionale. Depuis la Côte de la Mer du Sud, jusqu'aux Côtes du Brésil & de la Guiane, en descendant la Rivière des Amazones*. Chez la Veuve Pissot, Paris.
- LA CONDAMINE, C.M. DE. 1751. *Journal du voyage fait par ordre du roi, à l'Equateur, servant d'introduction historique à la mesure des trois premiers degrés du méridien*. Imprimerie Royale, Paris.
- LABAT, J.B. 1730. *Voyage du chevalier Des Marchais en Guinée, isles voisines, et a Cayenne, fait en 1725, 1726 & 1727*. Saugrain, Paris.
- LAET, J. DE. 1633. *Novus orbis seu Descriptionis Indiae Occidentalis Libri XVII. Authore Ioanne de Laet Antverp. Novis Tabulis Geographicis et variis Animantium, Plantarum Fructuumque Iconibus illustrati*. Elzevirios, Lugdunum Batavorum.
- LÉRY, J. DE. 1578. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, avrement dite Amerique*. Antoine Chuppin, La Rochelle.
- LEVAILLANT, F. 1801-1806. *Histoire Naturelle des Oiseaux de Paradis et des Rolliers, suivie de celle des Toucans et des Barbus*. Chez Denné le jeune, chez Perlet, Paris.
- LINDLEY, J. 1838. *Flora medica: a botanical account of all the more important plants used in medicine, in different parts of the world*. Longman, Orme, Brown, Green and Longmans, London.
- LINS, A.S.A. DE A. 2007. *A Amazônia no cinema paraense: tensões entre o global e o local*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- LUCCOCK, J. 1881. A grammar and vocabulary of the Tupi language. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, 44(62):1-130.
- [MARANHÃO], FREI FRANCISCO DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES. 1891. Poranduba Maranhense ou Relação historica da Provincia do Maranhão, em que se dá noticia dos sucessos mais celebres que n'ella tem acontecido desde o seu descobrimento até o anno de 1820, como tambem das suas principaes produções naturaes, etc., com um mapa da mesma provincia e um dicionario abreviado da lingoa geral do Brazil, composta pelo autor da Taboa Geografico-Estatística Luzitana. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, 54(1):4-281.
- MARCGRAVE, G. 1648. Historia rerum natvralium Brasiliae libri octo... In: *Historia Naturalis Brasiliae. Auspicio et Beneficio Illustriss. I. Mauritiu Com. Nassau illius Provinciae et Maris summi Praefecti adornata. In qua non tantum Plantae et Animalia, sed Indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et Iconibus supra quingentas illustrantur...* Fransiscum Hackium & Lud[ovicum] Elizevirium, Lvgdv[nvm] Batavorvm & Amstelodami, 1-283.
- MAYR, E. & COTTREL, G.W. (Ed.). 1979. *Check-List of Birds of the World*. Museum of Comparative Zoology, Cambridge, Massachusetts. Volume 1: [Struthionidae to Anhimidae].
- MEIRA FILHO, A. 1976a. *Evolução histórica de Belém do Grão-Pará*. Grafisa & Editora Globo, Belém.
- MEIRA FILHO, A. 1976b. *Landi esse desconhecido (o naturalista)*. Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro.
- NOGUEIRA, B.C. DE A. 1880. Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo traductor da "Conquista Espiritual" do Padre A. Ruiz de Montoya. *Anais da Bibliotheca Nacional*, 7:1-603.
- NOLLET, J.A., ABBÉ. 1738. *Programme ou Idée Générale d'un Cours de Physique Expérimentale avec un Catalogue raisonné des Instrumens qui servent aux expériences*. Le Mercier, Paris.
- NOLLET, J.A., ABBÉ. 1745-1775. *Leçons de Physique Expérimentale*. Hyppolite-Louis Guerin & Louis-François Delatour, Paris.
- NOLLET, J.A., ABBÉ. 1749. *Recherches sur les causes particulieres des phénomènes électriques, et sur les effets nuisibles ou avantageux qu'on peut en attendre*. Hyppolite-Louis Guerin & Louis-François Delatour, Paris.
- NOLLET, J.A., ABBÉ. 1770. *L'Art des Expériences ou Avis aux Amateurs de la Physique sur le Choix, la Construction et l'usage des Instrumens*. P.E.G. Durand, Paris.
- OBERACKER, K.H. 1978. *Der Deutsche Beitrag zum Aufbau des brasilianischen Nation*. Federação dos Centros Culturais, São Leopoldo.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M.; CAVALCANTE, P.B. & HIGUCHI, H. 2002. *Landi: fauna e flora da Amazônia brasileira*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.
- PÁSCOA, M. 2008. Ópera na Amazônia durante o século XVIII. *Música em Perspectiva*, 1(1):43-57.
- PISO, G. 1648. De Medicina Brasiliensi libri quator... In: *Historia Naturalis Brasiliae. Auspicio et Beneficio Illustriss. I. Mauritiu Com. Nassau illius Provinciae et Maris summi Praefecti adornata. In qua non tantum Plantae et Animalia, sed Indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et Iconibus supra quingentas illustrantur illustrantur...* Fransiscum Hackium & Lud[ovicum] Elizevirium, Lvgdv[nvm] Batavorvm & Amstelodami, 1-122.
- PISO, G. 1658. *De Indiae Utriusque re naturali et medica Libri quatuordecim, Quorum contenta pagina sequens exhibet*. Ludovicum et Danieleum Elzevirios, Amsteladami.
- PREVOST, A.F., ABBÉ. 1773. *Histoire générale des voyages, ou nouvelle collection de toutes les relations de voyages par mer et par terre, qui ont été publiées jusqu'à présent dans les différentes langues de toutes les nations connues*. E. van Harrevelt & D.J. Changuion, Amsterdam.
- ROZIER, J.B.F., ABBÉ. 1775. *Nouvelle table des articles contenus dans le volumes de l'Académie Royale des Sciences de Paris, depuis 1666 jusqu'en 1770, dans ceux des Arts et Métiers publiés par cette Académie, & dans la Collection Académique*. Ruault, Paris.
- SALLES, V. 1969. Quatro séculos de música no Pará. *Revista brasileira de Cultura*, 1(1):13-36.
- SALLES, V. 1980. *A música e o tempo no Grão Pará*. Conselho Estadual de Cultura, Belém.
- SAMPAIO, F.A. DE. 1971. Historia dos Reinos Vegetal, Animal e Mineral do Brasil, pertencente à Medicina. *Anais da Bibliotheca Nacional*, 89:1-91.
- SAMPAIO, F.X.R. DE. 1825. *Diario da viagem que em visita, e correição das povoações da Capitania de S. Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no anno de 1774 e 1775*. Typographia da Academia, Lisboa.
- SCHAUENSEE, R.M. DE. 1970. *A guide to the birds of South America*. Academy of Natural Sciences of Philadelphia, Philadelphia.
- SCHIESARI, L.; GORDO, M. & HÖDL, W. 2003. Treeholes as calling, breeding, and developmental sites for the Amazonian canopy frog, *Phrynohyas resinifictrix* (Hylidae). *Copeia*, 2003(2):263-272.
- SICK, H. 1985. *Ornitologia brasileira: uma introdução*. Editora Universidade de Brasília, Brasília.
- SIMON, W.J. 1983. *Scientific Expeditions in the Portuguese Overseas Territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteenth Century*. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.
- SONNINI, C.S. 1801. L'ouira ouassou, pp. 47-51, in Buffon, L. de, *Histoire naturelle, générale et particuliere. Nouvelle édition, accompagnée de notes, et dans laquelle les suppléments sont insérés dans le premier texte, à la place qui leur convient. On y a ajouté l'histoire naturelle des quadrupèdes et des oiseaux découverts depuis la mort de Buffon, celle des reptiles, des poissons, des insectes et des vers; enfin, l'histoire des plantes dont ce grand naturaliste*

- n'a pas eu le tems de s'occuper. Ouvrage formant un cours complet d'Histoire naturelle, par C.S. Sonnini, membre de plusieurs sociétés savantes. Tome trente-huitième.* Imprimerie de F. Dufart, Paris.
- SYLVA, J. DE S. DA. 1768. *Collecção das provas que forão citadas na parte primeira, e segunda da deducção chronologica e analytica, e nas duas petições de recurso do doutor Joseph de Seabra da Sylva Desembargador da Casa de Supplicação, e Procurador da Coroa de S. Magestade.* Officina de Miguel Manescal da Costa, Lisboa.
- TASTEVIN, C. 1923. Nomes de plantas e animaes em língua tupy. *Revista do Museu Paulista*, 13:687-763.
- TEIXEIRA, D.M. 1984. Tapiragem. *Ciência Hoje*, 3(15):42-46.
- TEIXEIRA, D.M. 1992a. Um espelho distante: os resultados zoológicos da expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira. In: *Viagem Philosophica, uma redescoberta da Amazônia.* Index, Rio de Janeiro, 65-80.
- TEIXEIRA, D.M. 1992b. Perspectivas da etno-ornitologia no Brasil: o exemplo de um estudo sobre a "tapiragem". *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, Nova Série, Zoologia, 8(1):113-121.
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. [2003]. A iconografia da "Viagem Philosophica" de Alexandre Rodrigues Ferreira no Museu Bocage. In: *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira.* Kapa Editorial, [Petrópolis], Volume 1:33-319; Volume 2:1-159.
- VIEILLOT, L.J.P. 1819. Spizaète. In: *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle, Appliquée aux Arts, à l'Agriculture, à l'Économie Rurale et Domestique, à la Médecine, etc.* Imprimerie d'Abel Lanoe, Paris, Tome XXXII, 53-63.
- VIANNA, J. 1904. Catalogo nominal dos posseiros de sesmarias. *Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará*, 3:5-149.
- VIEIRA, C.O. DA C. 1936. Nomes vulgares de aves do Brasil. *Revista do Museu Paulista*, 20:437-489.

Recebido em: 18.03.2010

Aceito em: 22.04.2010

Impresso em: 10.12.2010

ANEXO 1

**Leitura diplomática da carta enviada por Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis
a Charles Marie de La Condamine (1º de Fevereiro de 1752)**

“Reçuë le 26 Mai 1752

Sr. Dom Carlos Maria de La Condamine.

Logo que recebi a mui estimada de V. Sr.^a de 9 de Mayo do anno passado fallei ao Ill.^{mo} S.^r General, q' hé agora Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o dinheiro de V. S.a, que ainda está depositado na mão de Antonio Rodrigues Martins, e me disse, que V. S.a recorra à Corte, por Cuja ordem está depositado, e que logo vindo ordem, o manda entregar. O secretario na corte dos negocios estrangeiros, e ultramar o S.^r Sebastião Jozé de Carvalho, hé Irmao do S.^r General; elle falla bem Francêz, e lhe deve muyta urbanidade: o que acabou, q' hé o S.^r Francisco Pedro Gorjaó vay embarcado nesta frota; e vay em sua companhia o nosso amigo Jozé Gonsalvez, e me dis, que hade escrever a V. Sr.^a de Lisboa, insinuando a V. Sr.^a alguns erros sobre o Tajipurú, e sobre o rio da prata; elle chegou o anno passado do mato grosso, e fez Mappas Curiozos, e correu todos esses Limites.

A M.^r Pilaer remeto hũa condecinha, com o conteúdo no catalogo, e tambem o principio da historia natural dos Passaos, de que tenho feito descripçoens, e são 64, cujos retratos mando com o principio dos discursos, e o titulo de toda a obra; por não ter amanuense prompto, se não poderá trasladar os discursos, que mandarei na primeira monçaõ. V. Sr.^a guarde os retratos, para os ir collocando nas suas partes, e classes; para que não haja demora irei remetendo em todas as occazioens a q' escrever, e observar; assim o que pertence a parte Zoologica, como a Phytologica, e Mineralogica; e tambem o que pertencer aos costumes das naçoens.

Remeto a carta incluza do R.^{do} P.^e Magnin: de Cayana não tenho noticias, nem espero já ver de Lá a Lanterna Magica, que athé para se ver, parece encantada. Fico entregue da explicação do Palacio Magico, mas não do Palacio, que ainda não chegou; mas sempre rendo a V. Sr.^a as graças, e pelas obras do Abbade Nollet, que muito dezejo ver: estimara tambem ver alguns, sobre as Couzas naturaes destas partes do Brasil, como Jeorge Marcgravio, e outros pa conferir as suas observaçoens com as minhas: e também agradeço o espelho cylindrico, que V. Sr.^a me promete; pois como sou melancolico, dezejo Couzas, que me divirtaõ; V. Sr.^a bem conhece o forte da minha inclinação. Os dous caixotes de variedades, que ficaraõ o anno passado, se corromperaõ com a humidade do clima. Duas vezes tenho preparado o peyxe-boy, mas tiveraõ a infelicidade de se perder o primeiro na ponta do Maguari, o segundo o roeraõ os ratos; e agora não querem receber este nos navios; porque por fresco, lança muito fedor, por mais, que lhes quis pagar o frete.

Dentro da condeça vai huma livra de Puxiri, hum frasquinho de oleo de Omirim; e Cunauarùycica, que hé hũa certa rezina, que faz certo genero de Arrãas, ou de Sapo

nos ramos das arvores, esfregandose, athé formar a modo de huma frigdeira, e depois se passa para outra banda, ou parte, e a deixa; estimaó os Tapuyas, como ambar; serve para dores de dentes, e para febres, e outras enfermidades; tambem vay huma casca doce, que tem singulares Virtudes para muitas enfermidades; e por isso lhe chamaó o para tudo: Guaraná para supressoens de orina, e dysenteria, e outras, que V. Sr.a achará, e já sabe as propriedades, e por isso as não repito. Na primeira Monçaó, serei mais extenso; porq' como estaó partindo os navios, que me persuadia, haviaó partir em Março, me hé preciso abreviar a escrita, e offerecer somente o meu pouco prestimo a obediencia de V. Sr.a; com a mayor promptidaó. D.^s a V. Sr.a g.^{de} m.^s an.^s. Gram Pará 1 de Fevereiro de 1752.

Vai o catalogo dos passaros, q' faltaó para des-rever, alem de muitos, q' vou de novo descobrindo.

De VS^{ra}

o mais obrigado servo, e venerador

Lourenço Alvares Roxo de Potflis”

ANEXO 2

**Leitura diplomática das descrições de aves de rapina existentes nas
“memórias” de Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis (1752)**

[Página 1]

“Descrição 1ª

Do Uyràouassù, ou Ouyrà ouassù, ou Gaviaó Real

He o Gaviaó real, aque os Tapuyas chamaõ ouyrà ouassù, (q’ val o mesmo que passaro grande) em todo o Estado Amasonico das aves de Rapina a mais celebre, assim pelo avultado da corpulencia, como pela lindeza das pennas. Bem assentida, e conciderada a sua grandeza (segundo alguns Ornithologos) he duas vezes mayor, que a Aguia. Tem a cabeça grossa, e ornada de hum penacho a maneira de trumfa, o rosto algũa cousa comprido, os olhos claros, e taõ vivos, que nunca se inclinaõ fixos a huma parte; as meninas taõ perspicazes (o que he com-mum a todas as aves de rapina) que olhaõ fixas, e seguras ao sol, ainda quando no ardente Zenith despede mais intensos os seos rayos. As ventas saõ abertas, o bico negro, revoltó, e pontagudo, e algum tanto cheyo o sobrebico. O pescosso encolhido, e das costas descarregado. As pernas escamosas, e pallidas; os sancos curtos, e grossos, como o pulso de hum homem; os pès compridos, descarnados, e enxutos; as unhas negras, e curvas do comprimento do dedo index. Veste-se coñumente nas costas e azas de pennas pardas manchadas de negro, e variadas de riscas brancas, ou quase ruivas; as azas saõ taõ grandes, e fortes, que muitas vezes sò com os encontros mata algumas aves antes de as afferrar com as unhas; huma penna tirada das azas terá pouco mais, ou menos hum covado de comprido. A cauda larga, e comprida da mesma cor das azas. O ventre todo semeado de plumas brancas muy sutis, e naõ menos excellentes, que as das garçotas. Emfim he de taõ magnifica, e airosa compostura, que se pelo vistoso das plumas, e vultoso do corpo logra no Brasilico idioma o magestoso epitheto da grandeza, tambem pela soberania, e respeito, que nelle reconhece o natural instincto das outras aves, e feras, naõ desmerece no vulgar a preminencia da regalia. Tem o voo senhorial, e grave quando às aereas campanhas se eleva; rapido, e ligei-ro como huma setta quando desce rompendo as suas transparentes esferas, e apenas apparece logo os outros animaes com respeitosa sunmissaõ se encóllhem, e timidos se sobresaõtaõ. Com muita facilidade dispedaça hum carneiro, derriba ao homem se descuidado o accomete; faz guerra aos veados, e persegue indifferentemente a todo genero de animaes, feras, e aves.

Sustenta-se ordinariamente de bugios, e com mais particular appetite se ceva nos que chamaõ Guaribas, que atravessando-lhes o peito com igual soffreguidaõ, que destreza, em breve espaço, os devòra. Por cujo motivo os

[Página 2]

os Tapuyas tambem o appellidaraõ Guariba ouàra, ou ouariua ouàra, que quer dizer, comedor de guaribas. Sendo porem o gaviaó real taõ guloso por natureza, pode passar quinze athe vinte dias sem comida. He perigosa a sua caça; porque sentindo-se dos caçadores mal ferido se deixa cair de costas, e unidos os sancos ao peito se finge morto, e se inadvertidamente lhe tocaõ da parte da cauda, avança com tal violencia aos braços de quem o pega, que irremediavelmente os trespassa com as unhas.

Habita em partes montuosas, e arvores altas donde nidifica. Fabrica o ninho dos ossos dos animais que rapina, e de bocados de ramos das arvores

secas misturados com barro a maneira de huma torteira ordinaria. Alguns indagadores da natureza dizem que poem tres ovos, dos quaes dous lança fora; mas a experiencia nos tem mostrado, que sò poem hum, o qual choca, e fomenta. He o ovo pouco mayor, que o do Perù, com salpicos de vermelho escuro.

Acha-se em mayor numero, e grandeza nos sertões das Aríazonas, que em outras muitas partes, donde se vèm raros, e em comparação daquelles são estes de mediana estatura. Muitos uzaõ das pennas para escrever; os genios dos Sertões se servem das unhas para assovios; p^a cujo effeito as ornaõ de varias plumas.

Queimadas a pennas desta ave, e applicadas em pò sobre as venenosas picadas das Arrayas, tem particular virtude de lhes extrahir o veneno, e de mitigar as insoffríveis dores, que causaõ. A mesma propriedade se experimenta nas mordeduras de outros animaes peçonhentos, excepto no da cobra. Finalmente, tostadas as unhas, e raladas, bebidas em pò repetidas vezes em agua, ou em outro qualquer licor conveniente (dosis huma dragma athe duas): aproveita muito nas gonorrhœas, e outros semelhantes fluxos de ambos os sexos; porem nas purgações brancas das mulheres obra com mais efficacia.

[Página 3]

Descripção 2^a

Do Ouyrà Ouassù merì, ou ouassù peua

A segunda especie do Gavião he a que huns pela mediania do corpo deraõ o nome de ouyrà ouassù merì, e a que outros pelo quasi plano, e chato da figura chamarão ouyrà ouassù peua. He semelhante ao gavião real assim na plumagem de que se adorna, como nas cores (ainda que não tão vivas) com que se matiza. Os olhos, bico, sancos, pès, e unhas são da mesma feyçaõ, que os do precedente, mas sempre proporcionados à sua mediania; de sorte que assemelhando-se tanto a elle sò differe na desigualdade; e plano da forma, e na sua mediocre grandeza.

Mantem-se de varios passaros, que caça. Frequenta os matos, e sitios de todo o Estado.

Tem as mesmas propriedades, e virtudes que o Gavião real, ainda que com menos efficacia na operação.

[Página 4]

Descripção 3^a

Do yapacani ~

Yapacani he Gavião pouco menor, que o da 2^a especie. Tem as costas fuscas, ou negras; o peito malhado, branco o bico, e as extremidades da cauda riscadas de branco. Na formatura he muy parecido aos outros gaviões, porem menos atrevido, e ergue as azas. Pia gritando a maneira de quem se queixa, fazendo-se perceber, ainda que confusamente as vozes de que se compoem o seo nome.

Tambem não difere dos mais gaviões no sustento; e quando se ceva na preza a cobre com as azas, e occultamente a devõra. Acha-se em todos os matos, e nelles habita; mas raras vezes apparece.

Tomados suffumigios, ou perfumes das pennas, serve

de grande alívio nas febres, especialmente nas terçaãs, e diarias.

[Página 5]

Descrição 4ª

Do Tauatò, ou Taouatò

Bem investigada a etymologia do nome Tauatò, deriva-se da palavra Brasilica Taua, que significa lugar povoado, ou aldeya, que com o monosyllabo Tò da mesma lingua quer dizer habitador de povoado, e a razão de darem os Indios antigos o tal nome a esta especie de gavião talvez seria, porque de todos os gaviões he este o que nos lugares habitados mais vezes apparece. He do tamanho de huma galinha, tem as costas pardas cinzentas com riscos brancos, affermosea-lhe a cabeça hum galante penacho; o peito he todo branco, e a cauda alguma cousa comprida, rayada de branco, e pardo. He mui ardiloso.

Sustenta-se de aves. Habita em grandes matos, e habitua-se em lugares donde ha poleiros, que em breves dias deixa destituidos de galinhas.

Os gentios dão a comer os meolos desta ave aos seos caens para os fazerem expertos para a caça.

[Página 6]

Descrição 5ª

Da 2ª especie de Tauatò, ou Taouatò

Hà outra especie de Tauatò, que não differe da primeyra mais que na grandeza, porque no corpo mais pequena. Tem o rabo mais comprido que a outra. Canta antes de dormir, e tambem logo quando acorda, e as vozes que profere sempre finalisaõ em Tò, de donde talvez tomaraõ tambem os antigos de lhe chamarem Tauatò; e porque em povoado são mais frequentes.

Mantem-se de galinhas, e de outras aves, que rapina com notavel astucia.

Tem as mesmas propriedades, que a precedente, posto que os Indios lhas atribuem mais efficazes.

[Página 7]

Descrição 6ª

Do Tauatòhì, ou Taouatòhỳ

Chama-se esta ave Tauatòhì pela semelhança que tem com o Tauatò nas cores das pennas de que se enfeita, e na feição do corpo com que se figura. Somente differe em não ter penacho, e ser de corpo mais pequeno, que isto mesmo significa o diminutivo do nome. He pois do tamanho pouco mais, ou menos de huma perdiz, ou de huma grande pomba. A vòz he de hum assovio mais fino. As costas mais escuras, e o peito mais alvo que os dous mencionados.

Caça cigarras, e com muita pertinacia persegue os passarinhos, de que se sustenta.

Conformados ao barbaro costume de seos antepassados sar-

jão os Índios os braços com as unhas do Tauatòhì persuadindo-lhes a sua ignorancia, que com aquellas violentas incisões se fazem idoneos para a caça.

[Página 8]

Descrição 7^a

Do ouyrà ouassù panèma

A esta casta de Gaviaõ tambem chamaõ Tauatò pixùna, que val o mesmo que Tauatò preto; porque na verdade he negro na cor, mas taõ poento, que parece cuberto de cinzas, e na feição, e grandeza semelhante ao Tauatò. O nome mais proprio que lhe daõ os Índios he Ouyrà ouassù panèma, que quer dizer gaviaõ sem ventura; porque mais vezes, que aos outros lhe escapaõ as prezas. Gasta a mayor parte do dia em voar, e raras vezes pouasa.

Vive de lagartixas, cobras, e outros bichos. Em todos os matos se acha, porem mais frequentemente propende com seos voos para as partes maritimas.

He sudorifico; porque queimadas as pennas junto ao enfermo, que necessita suar, lhe provoca grande copia de suor.

[Página 9]

Descrição 8^a

Do ouyrà ouassù piranga

Esta especie de gaviaõ he da mesma feição, e grandeza que o Tauatò. A cor das pennas he vermelha como almagre, e mais inclinante a cor de canela; e por isso lhe chamaõ ouyrà ouassù piranga, que quer dizer gaviaõ vermelho. Debaixo desta especie se contaõ duas castas, a cor de humma he mais viva que a da outra, e a que tem a cor menos viva tem a cabeça cinzenta, e porq' andaõ sempre juntos, se suppoem ser hum macho, e outra femea. Tem pintas brancas, e escuras. As pernas saõ mais delgadas, que as dos outros gaviões.

O seo ordinario alimento saõ gafanhotos, e outros insectos volateis. Habita em campinas, e lugares descampados.

Os repetidos perfumes das pennas mitigaõ as dores das juntas, a que o vulgo chama corrimentos.

[Página 10]

Descrição 9^a

Do ouyrà ouassù pirauàra

O Gaviaõ ouyrà ouassù pirauara, que quer dizer comedor de peixes, tambem se pode numerar entre as aves de rapina aquaticas. Tem muita semelhança na cor, forma, e grandeza com o ouyrà ouassù panema, somente se diversifica pela notavel perspicacia com que vê, e enxerga, e pela velocidade, e segurança com que rapina. Porque para tomar os peixes, de que se hade cevar, se levanta muy alto, e parece, que quanto mais alto se eleva, mais os enxerga na profundidade do mar ainda quando saõ envoltas as aguas, e despedindo da regiaõ aerea rompe com violencia de setta o fluido elemento, e sem que lhe escape preza, pesca variedades de peixes, es-

pecialmente tainhas, de que vive com notavel, e incrível ligeireza.

Em os lugares aquaticos, e nas partes maritimas he a sua continua frequencia, em cujas beiras costuma fazer ninho.

O humor albugineo, ou aquoso, que destilão furados os olhos deste passaro, lançado nos olhos de quem tem a vista curta, ou fraca admiravelmente lha aclara, e subtilisa.

[Página 11]

Descrição 10

Do Inagè, ou Anagè

Ainda que alguns contaõ duas castas de Inagè, ou Anagè, como naõ differem entre si mais que em ser a cor de hum mais negra, e obscura que a do outro, ambos se reduzem a huma sò especie. Ignora-se a origem do nome, se bem me parece, que os naturaes o derivaõ do echo das vozes que profere. Todos tem malhas quasi brancas, pouco mayores que as dos outros gaviões, aos quaes muito se assemelhaõ na forma, sendo porem medianos na grandeza.

Vivem de passarinhos, e lagartixas. O lugar da sua habitação he o mesmo que o dos outros; porque em todos os matos se achaõ.

A carne comida impede os abortos das mulheres prenas, fazendo-lhes reter, e viver o feto, e esforçando-as para o bom successo do parto. Emfim comida a carne, e tomados muitos dias perfumes das pennas he singular remedio para estupores.

[Página 12]

Descrição 11^a

Do Caracaràhi

Muitos imaginavaõ tambem serem duas as castas desta ave; huma de cor mais negra, a que os Indios chamaõ Caràcaràhi pixùna, outra de cor mais branca, a que daõ o nome de caràcarai murutinga; mas bem considerada a forma, e figura, se reduzem ambas a huma sò especie, e se suppoem somente differentes no sexo. Saõ do tamanho do Inagè; o bico entre vermelho, e amarelo, huma, e outra tem huma listra branca na cauda.

Mantem-se de gafanhotos, e outros bichos. Habitaõ em lugares descampados, e frequentaõ as campinas. A de cor mais preta conhece por natural instincto as prayas, donde as tartarugas chamadas Taracajahàs poem os ovos, e desenterrando-os da arèa, tambem nelles se cèva.

O bico deste passaro ralado e dado a beber em agua tepida he prodigioso remedo para tosses; a mesma propriedade tem a carne seca, e torrada.

[Página 13]

Descrição 12^a

Do Uacauaá, ou Ouacauaá

A etymologia do nome desta ave se deriva do seo mesmo canto,

porque começando por hum grito tremulo acaba por espaço de meya hora clara, e perceptivelmente nas vozes de que se compoem o nome ouacauaã, que por corrupção do vocabulo tem a mesma significação que o verbo Brasilico ouaqueuane, que no nosso idioma val o mesmo que já voltou, de donde tomaraõ os Tapuyas motivo para imaginarem, que quando esta ave canta he infallivel presagio de que ja voltaõ as embarcações, que se esperaõ. Equivoca-se muito o uacauaã com o gaviaõ chamado Tauatõ assim na grandeza do corpo, como na forma, compostura, e cores das pennas; porque tambem he do tamanho de huma galinha; as pennas das costas são pardas como a dos outros gaviões, o peito branco, ou quasi ruivo, o bico negro, e com ter a cabeça chata, e toda ruiva, ou branca com huma listra parda, ou quasi negra ao redor da cabeça em forma de cercilho, os olhos claros com pouca differença dos do Gaviaõ real.

Vive de lagartixas, e cobras, e de todo o genero de bichos mais venenosos. Quando os rapina logo lhes segura a cabeça, e a cauda com as unhas, e queibrando-lhes os ossos com o bico, os torna taõ flexiveis, que com facilidade os devõra. Habita em todos os matos, porem he mais frequente nas campinas.

He taõ excellente nas propriedades, que não sò he dos da sua especie o mais util, mas que de todas as aves deste Estado he o mais estimavel. Porque se não conciderarà nelle a minima parte, que se não reconheça, e experimente dotada das mais singulares virtudes. O bico ralado, e dado a beber em agua tepida, ou em outro

[Página 14]

licor conveniente he decantado alexipharmaco, ou contraveneno, he cardiaco, febrifugo, e hystericico. Mitiga todo o genero de dores, e colicas. Suspende os vomitos violentos, e cursos immoderados, e ainda os dysentericos. Sara as tosses mais inveteradas, e aproveita aos thisicos, e Ethicos. Modèra, e alivia os cançassos; particularmente os que procedem de cerrações, e suffocações do peito. A mesma propriedade se experimenta nas unhas, e tambem nas pennas queimadas, nos ossos e na carne seca, e torrada. O excremento, que depois de seco he semelhante ao alvayade, applicado em collirio gasta, e desfaz as nevoas, e cataractas dos olhos. Emfim qualquer das sobreditas partes desta ave applicadas exteriormente nas mordeduras, ou picadas dos bichos venenosos lhes extrahe todo o veneno. O passaro inteiro cozido, e bebido o caldo, e comida a carne he de grande proveito nas vertigens. Os gentios daõ a comer a mesma carne cozida, e daõ a beber o caldo aos enfeitizados, e uzaõ juntamente de suffumigios das pennas para dissolver os seos maleficos. A carne seca, e posta de molho, applicada a noute sobre as palpebras dos olhos, lavando-os de manhaã com agua morna he admiravel remedio para os que em falta de vista.

Mas he de notar, que o que he domestico, e criado em caza com lagartixas, e com tripas de galinha, não tem taõ efficaz virtude como o sylvestre, que se mantem de bichos venenosos, que rapi-naõ nas campinas, e matos donde se achaõ.

[Página 15]

Descrição 13**Do Pixìpixì**

O Pixìpixì he a decima terceira especie de Gaviaó. Deriva-se-lhe o nome das mesmas vozes, que profere quando grita. He do tamanho de huma galinha; a cor he avermelhada, ou de cor de canela, assim nas costas, como no peito; porem nas costas tem riscos vermelhos, e negros, enfeitá-lhe a cabeça hum pequeno penacho.

Vive de Caranguejos. Em arvores altas, e secas junto às partes maritimas he a sua habitação, e aonde presente Caranguejos he a sua mayor frequencia.

Uzaõ os Indios de defumadouros das pennas em todo o genero de dores.

[Página 16]

Descrição 14**Do Tapena**

Entre as mencionadas especies de Gavião tem o Tapèna o decimo quarto lugar. Dizem que a etymologia do nome lhe provém de ser rabi-forcado; porq' Tapèna na lingua dos Tapuyas quer dizer o mesmo que cousa partida, ou quebrada. He quasi da grandeza de hum frangaó. A cabeça, e as costas são negras, do peito athe a cauda he todo branco.

Sustenta-se de insectos volateis, aque chamaõ yassinás, e de formigas grandes, e baratas. Gasta a mayor parte do dia em o ar voando, e só pouisa de noute. Frequenta os lugar donde ha grandes matas, e rossados.

Os suffumigios das pennas são uteis nas terçaãs.

[Página 17]

Descrição 15**Do Caburè, ou Kauourè**

Esta ave que he a quinta decima especie de Gaviaó naõ sò he de rapina, mas tambem a numeraõ alguns entre as nocturnas, porque sò de noute apparece, e grita, razaõ porque dizem outros q' he especie de coruja. Camaõ-lhe Caburè pela muita força, que tem, que isso mesmo significa o tal nome, e por isso os Tapuyas por antonomasia daõ aos seos mais esforçados o appellido de Caburè. O corpo he como o de huma pomba, as pennas das costas são negras, as do peito athe o ventre brancas.

Sustenta-se de variedade de aves, que rapina. Habita em todos os matos, mas sò de noute, e raras vezes apparece de dia em povoado.

Com excesso procuraõ os Tapuyas esta ave para a dar a comer aos caens de caça na concideração, de que tem virtude de os fazer industriosos, e expertos para as suas caçadas.

[Página 18]

Descrição 16

Do Caburèhì, ou Kauourèhỳ

Caburèhỳ he Gavião de mais pequeno corpo, que o Caburè, que isso mesmo significa o diminutivo Caburèhì, que quer dizer o mesmo, que Caburè pequeno. He quasi da mesma formatura, porem não he nocturno. Na cabeça, costas, azas, e cauda he todo negro; as pennas de baixo do pescosso brancas escuras com algumas pardas, ou cor de canela na circumferência. O peito negro com riscas brancas, e miudas; a parte inferior das azas, e cauda tambem riscadas de branco. Sobre a cauda se divisaõ humas riscas pardas cinzentas, as coxas das pernas acaneladas, as extremidades das pennas das costas mais pardas, que negras; os olhos affogueados, as pernas vermelhas inclinantes a palidas; o bico, e unhas negros. He taõ veloz no voo que alcança a todos os outros passaros, perseguindo-os, e picando-os nas costas pela mutua antipathia que hà entre si.”

ANEXO 3

Tradução adaptada por Sonnini (1801:47-51) da descrição do
Ouyrà ouassù feita por Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis

DE L'OUIRA OUASSOU. 47

L'OUIRA OUASSOU,

PAR SONNINI.

Aucun naturaliste n'a donné la description/ ni la figure de cet aigle; l'une et l'autre se/ trouvent dans un manuscrit portugais adressé/ à M. de la Condamine par don Laurent Alva-/rez Roxo de Potflitz, grand chantre de la/ cathédrale du Para, et correspondant de/ l'académie des sciences de Paris. (Voyez la/ figure, planche VII)./ [Fig. 1]

Ouïra ouassou ou *vyra vassu* signifie, dans/ la langue du Brésil, *grand oiseau* (1). Celui-ci/ est en effet d'une grandeur considérable,/ puisqu'elle est double de celle de l'aigle. Sa/ tête est grosse et ornée d'une huppe en forme/ de casque; son bec est long; ses yeux sont/ clairs, vifs et perçans; les ouvertures des/ narines sont grandes et garnies de poils du/

(1) Les portugais du Brésil connoissent cet oiseau/ sous la dénomination de *gavian real*, ou *gavito* [sic] *real*,/ oiseau de port royal.

48 HISTOIRE

[P. 48] côté du bec; le cou est gros; les pieds sont/ nus, écailleux et rougeâtres, de même que/ les doigts; les ongles sont noirs, crochus, et/ de la longueur du doigt index./

Les plumes du dos, les ailes et la queue/ sont communément brunes, tachetées de/ noir et variées de lignes blanchâtres ou/ presque jaunes; le ventre est couvert de/ plumes blanches, fort douces au toucher,/ et non moins belles que celles de l'aigrette./

L'ouïra ouassou est un très-bel oiseau; son/ plumage est agréablement varié, et ses atti-/tudes ont de la noblesse et de la fierté. Son/ port est imposant, et annonce sa force et sa/ puissance; son vol est majestueux, mais en/ même tems très-rapide. Redouté des autres/ animaux, qui tremblent et se cachent à son/ approche, il semble en être le roi, ou plutôt/ le tyran. Ses ailes ont une si grande étendue,/ que souvent il s'en sert pour tuer, au milieu/ des airs, les oiseaux qu'il

poursuit, avant de/ les saisir avec ses serres. Sa queue, large/ et longue, contribue à l'élévation de son/ vol./

Sa force est si grande qu'il met en un/ instant en pièces le plus gros mouton. Il/ fond avec rapidité sur les cariacous; et/ n'éprouvant point de résistance dans son/

empire

DE L'OUIRA OUASSOU. 49

empire de destruction, il poursuit indiffé-/remment tous les genres d'animaux sau-/vages; il ose même attaquer l'homme, soit/ à l'improviste, soit qu'il le trouve sur ses/ gardes; aussi sa chasse est-elle dangereuse,/ car lorsqu'il se sent blessé, il se couche sur/ le dos; et appliquant ses pieds sur sa poi-/trine, il reste immobile, comme s'il étoit/ mort; si alors on l'approche pour le prendre,/ il se relève tout à coup, au moment qu'on/ s'y attend le moins, par le moyen de sa/ queue, et se jette avec une telle violence aux/ bras du chasseur, qu'il les perce de ses/ serres de part en part: mais sa nourriture la/ plus ordinaire sont les singes, particulie-/rement ceux de l'espèce que l'on nomme au/ Brésil *guaribas*, qu'il tue de son bec et de/ ses ongles, et qu'il dépèce et dévore en un/ clin d'œil avec une adresse et une vora-/cité extraordinaires. Cet appétit de préfé-/rence pour cette race de singes, lui a fait/ aussi donner, par les naturels, le nom de/ *mangeur de guaribes*./

Quoique d'une extrême voracité, cet/ oiseau peut passer quinze ou vingt jours/ sans prendre de nourriture. Sa demeure/ ordinaire est sur les hautes montagnes; il/ place son nid sur les plus grands arbres;/

TOME XXXVIII.

50 HISTOIRE

il emploie à le construire les os des animaux/ qu'il a dévorés, et quelques branches sèches/ qu'il attache avec des lianes. «Quelques per-/sonnes, dit l'auteur du manuscrit, pensent/ que la femelle pond trois œufs, et qu'elle en/ jette deux hors de l'aire; mais l'observation/ a appris qu'elle ne pond qu'un œuf qu'elle/ couve avec soin». L'on a dit la même chose/ de l'aigle, et il est probable que ces fables/ ont traversé les mers avec

des observateurs/ à préjugés, et que l'on a appliqué à l'aigle/ d'Amérique les contes répandus sur le sujet/ de l'aigle d'Europe. L'ouira ouassou femelle/ pond très-vraisemblablement deux œufs,/ comme la femelle de l'aigle. Au reste, ces/ œufs sont blancs et tachetés de brun rou-/geâtre./

Cette espèce est plus nombreuse et en/ même tems plus grande sur les bords de/ l'Amazone, que dans tout autre canton de/ ces contrées. Les plumes de ses ailes, dont/ les plus grandes ont environ une coudée,/ servent pour écrire. Les naturel des *Certoës*/ font avec ses ongles des sifflets qu'ils orment/ de différentes plumes. Ses plumes brûlées/ et appliquées en poudre sur les piquures/ des araignées, ont une vertu particulière/ pour tirer le venin et appaiser les douleurs/

DE L'OUIRA OUASSOU.

51

qu'il occasionne; elles ont la même pro-/priété pour guérir les morsures des autres/ animaux venimeux, à l'exception de celles/ du serpent à sonnettes. Enfin ses ongles/ brûlés et réduits en poudre, avalés jusqu'à/ la dose de deux dragmes, passent pour un/ excellent remède contre les gonorrhées et/ les fleurs blanches./

L'on pense bien que je ne rapporte ces/ prétendues propriétés de l'ouira ouassou,/ que pour ne rien omettre de ce que l'on/ sait sur ce très-grand oiseau, assez peu/ connu, et je pense bien que, malgré le/ témoignage de don Laurent de Potflitz, l'on/ ne sera jamais tenté d'avoir recours à de/ pareilles recettes./